

CAROLINE DA ROCHA

EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELEVÂNCIA DESSE SABER PARA OS SUJEITOS ESCOLARES

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.



CURITIBA

2006

CAROLINE DA ROCHA

**EDUCAÇÃO FÍSICA E A RELEVÂNCIA DESSE SABER PARA OS SUJEITOS
ESCOLARES**

Monografia apresentada como requisito parcial
para conclusão do Curso de Licenciatura em
Educação Física, do Departamento de Educação
Física, Setor de Ciências Biológicas, da
Universidade Federal do Paraná.

SERGIO ROBERTO CHAVES JUNIOR

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Lurdes Pereira da Rocha e André Eduardo da Rocha Júnior. Talvez, que o que eu escreva nesta folha, não seja o suficiente para agradecê-los por tudo o que fizeram e ainda fazem por mim. Quanto à minha mãe, acredito que não há dedicação igual à dela, deu a vida pela família e ainda luta por ela, se preocupa com tudo, não esquece um detalhe e na maioria das vezes ela sempre está certa.

Duas atitudes dela marcaram minha vida e abriram meus olhos para realmente perceber a graça de mãe que Deus me concedeu. Primeiramente, como esquecer das cartas que me enviava quando eu estava em Jaguariaíva, onde cursei meus dois primeiros anos da Universidade, sempre me incentivando e me encorajando a seguir em frente. E quando faltou dinheiro, o que ela fez? Colocou dentro de um livro e me enviou pelo correio. Como esquecer dos dias em que eu não almoçava, mas graças a ela jantava, pois sempre deixava um pratinho com comida pronto para que quando eu chegasse a noite, pudesse esquentar e comer, mas o principal não é isto, e sim o pedacinho de guardanapo com recadinho que escrevia e uma carinha que desenhava e deixava sobre o prato, isso é ou não amor e preocupação de mãe, como se diz, só uma mãe para fazer isso mesmo.

E o meu pai? Homem paciente, também nunca me negou nada, hora de viajar para Jaguariaíva, leva na rodoviária, volta de Jaguariaíva busca na rodoviária, precisa de cartucho para a impressora, de papel, e assim durante todos esses anos. Três conselhos que ele me deu e que vou procurar seguir: trabalhar numa escola,

terminar o bacharelado, continuar com minha carreira acadêmica e começar a pagar o INSS, aliás, já devia ter começado.

E quanto ao meu irmão, Carlos Eduardo da Rocha, esse é o cara da tecnologia, vai entender de computador assim lá na minha casa, ainda bem né! Sempre que precisei de algo para realizar meus trabalhos e até mesmo dos meus amigos/as ele sempre ajudou, nunca disse não, na verdade não sei como ele teve tanta paciência comigo, era quase toda hora: Carlos vem aqui! Fez de tudo, e uma das últimas dele, foi a de comprar um computador novo para ele e colocar o seu antigo no meu quarto, para que eu pudesse fazer a minha monografia tranquilamente. Um computador com impressora e internet no meu quarto, além de um “pen drive”, que ele comprou exclusivamente para que eu utilizasse com os meus trabalhos.

Diante de tudo o que escrevi, só posso dizer que essas são as pessoas mais importantes da minha vida e que sem elas, nada do que conquistei até agora seria possível. Minha vida, minha trajetória e conquistas devo a elas, e é por isso que estarei de alguma forma fazendo o possível e o impossível para agradecê-los da forma como merecem. Portanto, terminarei esta dedicatória colocando que:

*Eu tenho tanto pra lhes falar;
Mas com palavras não sei dizer;
Como é grande o meu amor por vocês...
E não há nada pra comparar, para poder me explicar, como é grande o meu amor
por vocês...
Nem mesmo o céu, nem as estrelas, nem mesmo o mar e o infinito, não é maior que
o meu amor por vocês...
Nunca se esqueçam, nem um segundo, que eu tenho o amor maior do mundo;
Como é grande o meu amor por vocês...
(Roberto Carlos)*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, provedor e dono do meu caminho, da luz que me guia, tanto nos momento de tristeza, quanto de alegria, por nunca me deixar faltar nada e por sempre colocar pessoas especiais no meu caminho.

Novamente aos meus pais e ao meu irmão, por financiarem meus estudos desde a pré-escola até a Universidade, pois se eles não tivessem feito isso por mim, dificilmente teria cursado uma Universidade e conseqüentemente não teria meu sonho realizado. A todos os meus tios, tias, primos e primas por sempre perguntarem como as coisas estavam indo e sempre me incentivarem. Em especial, ao meu tio Dayr, ou melhor, tio dadá, que mesmo não estando mais entre nós, foi uma das pessoas que mais me incentivou, que mais me aconselhou e quem me levou para aprender a nadar, e hoje do que mesmo eu dou aula? Natação. As coisas realmente não acontecem por acaso. Esse foi o meu segundo pai. Aos meus avós maternos, Emília e José Pereira, que mesmo não estando mais aqui, para acompanhar esta etapa da minha vida, me concederam muitas alegrias, pessoas que enquanto estiveram em vida ao meu lado, me ensinaram muito, não dando lição de moral ou recriminando, mas simplesmente pelas suas atitudes e palavras de carinho e compreensão. Aquela época deixou muitas saudades e a lembrança da minha avó dizendo no Ano Novo, que eu iria passar, pois havia prestado o vestibular, sendo, que na verdade ela nem sabia direito o que era vestibular e muito menos uma Universidade, mas o que importa é que ela percebeu que o que eu mais queria naquele momento da minha vida era isso. Aos meus avós paternos, ao Vô André, por sempre me incentivar a continuar em frente, salientando sempre a

importância dos estudos e à minha Avó Ana, por me receber em sua casa durante os dois anos em que permaneci estudando em Jaguariaíva, por nunca me deixar faltar nada e por toda a dedicação que me dispensou.

À Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde cursei meus dois primeiros anos de Universidade e aos professores e professoras daquela instituição por tudo o que me ensinaram. Em especial ao professor Sandoval, por me incentivar e estar ao meu lado quando apresentei meu primeiro trabalho científico. Ao professor Allancardek pelo aprendizado concedido com a obrigatoriedade da realização dos Festivais de Atletismo. À professora Ivone pela oportunidade de participar do seu Projeto de Recreação de Cantiga de Roda com as crianças, no qual aprendi muito e à Professora Rosa de Natação, que insistia para que eu me dedicasse a natação, e hoje do que mesmo eu dou aula? Aos meus amigos/as e colegas, de Castro, Ipiranga, Telêmaco Borba, Ponta Grossa, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Arapoti, Sengés e Itararé, pelos momentos especiais que passamos juntos nesses dois anos. De forma especial agradeço às amigas Ana Maria e Veridiana, por tudo o que vivemos no primeiro ano de faculdade, desde os trabalhos, alguns desentendimentos e até o fato de pular o muro da escola para fugir do cachorro, essa não dá para esquecer, mas o que importa é que a amizade continua até hoje. Às amigas Ludimila, Franciane, Anderciane (Candinha) amigas verdadeiras, as quais mesmo distantes, tenho guardadas no meu coração até hoje. Aos meninos, Rodrigo, Ricardo, Thiago, Samuel, Silleno, Rogério, Fubá, Cafu, Christian e ao Sargento Proença, pelos momentos de muita risada. Ao Dr. Albino e sua família por estarem comigo em alguns momentos de desânimo que enfrentei. Ao Dr. Albino por ser meu companheiro de trabalhos, e conselheiro oficial, principalmente por ter muito mais experiência de vida e por me levar a conhecer e aprender um pouco mais sobre a

grandeza de Deus em nossas vidas. Às professoras, alunos e alunas da Escola Municipal Maria de Lourdes Oliveira Taques, pela experiência de ter trabalhado quatro meses como professora oficial de Educação Física. Ao seu Licínio e à Dona Rute por me deixarem usar o computador da casa deles para que eu pudesse fazer meus trabalhos e por muitas vezes realmente me acolherem como filha. À Anderciane por ser grande amiga, mesmo descobrindo sua amizade apenas no segundo ano, por ser minha companheira das festas de agosto e também por ceder seu computador nos momentos que precisei. À minha amiga Luciane, amiga desde a pré-escola, pelas minhas contas são 18 anos de amizade, bem acho que não preciso falar mais nada dela, mas posso afirmar que é uma pessoa e tanto, amiga para todas as horas. Às amigas que conheci aqui, que entraram comigo pelo PROVAR e que hoje são minhas companheiras na Universidade e acima de tudo amigas verdadeiras e muito especiais em minha vida. À Anna Júlia, não sei nem o que dizer dessa menina, amiga para todas as horas e para tudo mesmo, companheira de natação, de praia, e ainda não sei como ela tem tanta paciência comigo. Nathália, menina determinada, inteligente, companheira de prática de ensino e monografia e que com certeza terá uma carreira de sucessos na Universidade, também está guardada no meu coração. E ainda à Juliana, por sempre estar pronta a me ajudar. E agradeço de forma muito especial ao meu namorado Andrei, mais conhecido como Jade, que eu jamais imaginei que viria a ser meu namorado, simplesmente pelo fato de ser meu único e melhor amigo da UFPR. Sempre juntos desde 2004 quando entramos, e sempre em momentos marcantes, festivais de Inverno, congressos, suas festas de aniversário, enfim, foram momentos especiais que me fizeram muito feliz. E hoje minha paixão, só tenho a agradecer por estar ao meu lado, por sempre me ouvir e aconselhar e também pelo aprendizado

que me concede a cada dia, pois o que mais admiro em você é a sua capacidade de brincar e sorrir 24 horas por dia e também a dedicação que tem quando quer conquistar algo. Obrigada por me fazer feliz. E por fim, à Universidade Federal do Paraná, por ter me concedido um ensino público e de qualidade, e por ter me concedido a chance por meio do Processo de Ocupação de Vagas Remanescentes (PROVAR) em 2004, de freqüentar essa Universidade e ver realizado meu grande sonho de estar formada pela UFPR. Ao Professor Ms. Portilho, pela oportunidade de participação no Projeto de Natação para Deficientes Mentais, e por sempre me tratar com muito carinho quando me encontra pelos corredores da UFPR, à Professora Ms. Kátia, pela orientação que me concede na piscina e principalmente ao meu orientador, Professor Ms. Sergio Roberto Chaves Junior, primeiramente pelo aprendizado sobre a Educação Física e escola que obtive ao participar de seu projeto e também pela sua orientação, para que eu pudesse realizar minha monografia, por ser paciente, nas horas em que entreguei as tarefas com atraso, por ser exigente quanto ao que eu escrevia e por nunca ter me deixado na mão em algum encontro, ou com alguma outra dificuldade maior, e ainda gostaria de parabenizá-lo pelo excelente professor que é, e pelo comprometimento que assume com os alunos/as e com a Universidade, procurando sempre fazer o melhor.

O Caderno

Sou eu que vou seguir você
Do primeiro rabisco até o bêabá
Em todos os desenhos coloridos vou estar
A casa, a montanha, duas nuvens no céu
E um sol a sorrir no papel.

Sou eu que vou ser seu colega;
Seus problemas ajudar a resolver;
Te acompanhar nas provas bimestrais, você vai ver;
Serei de você confidente fiel;
Se seu pranto molhar meu papel.

Sou eu que vou ser seu amigo;
Vou lhe dar abrigo, se você quiser;
Quando surgirem seus primeiros raios de mulher;
A vida se abrirá num feroz carrossel;
E você vai rasgar meu papel.

O que está escrito em mim;
Comigo ficará guardado, se lhe dá prazer;
A vida segue sempre em frente, o que se há de fazer;
Só peço a você um favor, se puder:
Não me esqueça num canto qualquer.

(Toquinho)

SUMÁRIO

RESUMO.....	xi
INTRODUÇÃO	1
1 É HORA DE IR PRA ESCOLA	5
1.1 ESCOLA.....	5
1.2.1 Cultura	9
1.2.2 Educação	14
2 DE ACORDO COM NOSSO CURRÍCULO, QUE AULA TEREMOS AGORA?	18
2.1 CURRÍCULO	18
2.1.1 As Disciplinas Escolares	29
3 AGORA É AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA!	37
4 FIM DE AULA. O QUE NÓS APRENDEMOS HOJE?	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
ANEXOS	69

RESUMO

Quando falamos em Educação Física escolar sabemos que diversas questões podem ser problematizadas a partir deste objeto de estudo. Dentre elas, podemos pensar a escola, como um espaço de aprendizado e cultura, o currículo escolar, não apenas como um elenco de disciplinas escolares, mas como uma forma de representação do universo intra e extra escolar, e ainda a Educação Física, como disciplina propriamente dita, e sua relação com os sujeitos escolares, em especial, professores/as e alunos/as e com o meio escolar. Esta monografia teve como objetivo principal, investigar a função da escola e sua relevância em nosso meio social; expor a questão do currículo escolar; apresentar as disciplinas escolares como componentes curriculares e problematizar a Educação Física e sua relevância no meio escolar. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica e uma pesquisa de campo. A pesquisa de campo foi desenvolvida com a professora e com alunos e alunas de uma determinada oitava série, de uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada no bairro do Boqueirão da cidade de Curitiba-Pr, para então compreendermos como essa disciplina foi inserida na escola, e porque esta se faz relevante para a formação humana de alunos e alunas.

Palavras chaves: Educação Física Escolar, Relevância.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em Educação Física escolar sabemos que diversas questões podem ser problematizadas a partir deste objeto de estudo. Dentre elas, podemos pensar a escola, como um espaço de aprendizado e de cultura, o currículo escolar, não apenas como um elenco de disciplinas escolares, mas como uma forma de representação do universo intra e extra escolar, e ainda a Educação Física, como disciplina propriamente dita, e sua relação com os sujeitos escolares, em especial, professores/as e alunos/as e com o meio escolar.

Diante disso, colocaremos primeiramente em foco a questão da escola. O que seria esse espaço escolar? Qual seria a sua função? Algumas das concepções de escola, com as quais nos deparamos até o momento, apresentam-na como tendo a função de transmissora de conhecimentos ou como indica Nereide Saviani (1998, p.1), a educação escolar como uma forma de difusão de saberes. Althusser, citado por Dermeval Saviani (1995, p. 33) a considera um aparelho ideológico do Estado, como forma de dominação e alienação. E por fim, Jean – Claude Forquin (1993, p. 10) apresenta o termo educação num sentido mais amplo, como um meio de formação e socialização do indivíduo, tendo a escola a função de transmissão cultural, sendo esta, então, um espaço de educação (formação do indivíduo) e cultura.

Com relação ao espaço escolar, especificaremos questões referentes à organização do ensino, como é o caso do currículo escolar, que a partir da análise de alguns historiadores, citados por Nereide Saviani (1998) os quais serão abordados com mais profundidade neste trabalho, ligam a noção de currículo às

idéias de controle do processo pedagógico, estabelecimento de prioridades segundo as finalidades da educação e ainda, ordenação, seqüenciação e dosagem dos conteúdos de ensino. As disciplinas escolares, as quais estão diretamente ligadas ao currículo também se inserem nestas discussões, e assim o estudo da Educação Física como uma disciplina escolar, como um componente curricular, no qual se verificou a relevância desse saber com os sujeitos escolares (professora, alunos e alunas), para que dessa forma, possamos compreender como e porque a Educação Física, que atualmente é considerada um componente curricular obrigatório, foi inserida na escola, e assim, visualizarmos sua possível contribuição com a formação dos alunos/as, fato este que justificará sua relevância na escola.

Assim, esta monografia teve como objetivo problematizar a relevância da Educação Física na escola, segundo a perspectiva de alunos/as e professores/as, a partir de uma revisão bibliográfica e de uma pesquisa de campo, que abrangeu mais especificamente uma Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, localizada no bairro do Boqueirão da cidade de Curitiba – PR. Aos alunos/as de determinada 8ª série (turma C), foram aplicados no dia vinte e sete de setembro de dois mil e seis (27/09/06), a partir das oito horas e quinze minutos (08h15) trinta e dois questionários, destes, dezessete foram aplicados às meninas e quinze, aplicados aos meninos e ainda um questionário aplicado à professora de Educação Física responsável por essa turma.

Na revisão bibliográfica foram enfatizados aspectos inerentes à escola e sua função, a questão do currículo, as disciplinas escolares e a Educação Física, enquanto componente curricular e sua legitimidade na escola. Dessa forma, foram propostos alguns objetivos os quais nortearam esta monografia:

- Investigar a função da escola e sua relevância em nosso meio social;

- Expor a questão do currículo escolar, como uma forma de representação do universo escolar;
- Apresentar as disciplinas escolares como componentes curriculares;
- Problematicar a Educação Física e sua relevância no meio escolar, a partir de uma revisão de literatura e de uma pesquisa de campo, segundo a perspectiva de alunos, alunas e professora, para compreender como essa disciplina foi inserida na escola, analisando as bases que justificaram, que legitimaram a Educação Física escolar como um componente curricular obrigatório, para assim visualizarmos sua importância para a formação desses alunos/as.

Diante de tudo o que foi exposto com relação ao espaço escolar e à Educação Física, posso afirmar, que o que me instigou a pesquisar e a escrever sobre a Educação Física Escolar, se deve ao fato de que, particularmente, me identifico muito com essa área, sendo que, essa afinidade surgiu da oportunidade que tive de atuar em algumas escolas, as quais foram experiências enriquecedoras e que conseqüentemente me motivaram a compreender esse espaço e as relações que ali ocorrem.

Gostaria de ressaltar ainda, que foi na Universidade Federal do Paraná - UFPR, na qual entrei por um processo seletivo diferenciado, o PROVAR¹, que pude ter um maior contato com as discussões referentes a esse meio, primeiramente por cursar como primeira opção Licenciatura em Educação Física, com a oportunidade de realizar leituras e discussões de textos, que permeiam a Educação Física e a

¹ Processo de Ocupação de Vagas Remanescentes, o que possibilitou minha entrada na UFPR no terceiro ano de faculdade, tendo cursado os dois primeiros anos na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG.

escola, e ainda a participação num projeto de pesquisa² o que possibilitou um estudo mais aprofundado dessa área, por meio de discussões que se referem à Educação Física Escolar.

Portanto, é dessa forma que aqui essa discussão se inicia, e que ela possa realmente estar contribuindo com uma reflexão acerca da Educação Física e de sua inserção no meio escolar.

² Projeto de Pesquisa *Culturas Escolares e Educação Física: perscrutando práticas corporais nas instituições escolares*, registrado no Thales com o número 2006018747, sob a coordenação do Professor Ms. Sérgio Roberto Chaves Júnior. Este projeto conta com a participação dos(as) seguintes acadêmicos(as) do Curso de Educação Física: Alexandre Silva Oliveira, Aline Tschoke, Anderson Moreira de Souza, Arthur da Vargas Feron, Carolina Moraski, Caroline da Rocha, Eumar Kohler, Evelyn Teixeira, Guilherme de Lima, Juliana Cordeiro Espírito Santo, Juliana Mendonça, Leonardo dos Santos Lima, Luziana Cardoso Costa, Maira Dal Sant, Marilene dos Santos, Neliane Ferreira de Souza, Rafael Dias de Melo, Rafael Orlando de Oliveira, Rafaela Silva Donato, Rodolfo Rossilho, Rodrigo Noering, Rosane Pikussa, Rubens Meggetto Junior, Shirley Yaegashi, Simone Moraes Faria dos Santos, Talita Marques Santos, Thalita Gabriela Alves, Vanessa Dressler, Wanderley Amato

1 - É HORA DE IR PRA ESCOLA...

1.1 – ESCOLA

Num primeiro momento problematizaremos a questão da escola para tentar compreender sua função em nosso meio, e conseqüentemente sua relevância social, cultural e educacional. Nereide Saviani afirma que: “relacionar a educação escolar com a difusão do saber é algo praticamente clássico, não só na linguagem pedagógico – didática, mas nas várias instâncias e esferas da vida das sociedades que contam com essa instituição” (1998, p.1).

E quanto à conceituação de escola, a autora ainda afirma que desde as colocações mais simples do senso comum até as mais elaboradas formulações (teóricas, filosóficas, políticas), quando se referem à escola, sempre a concebem como o lugar onde se aprende e se ensina algum tipo de saber, de conhecimento.

Quais seriam esses saberes ou conhecimentos a serem ensinados pela escola? Jean-Claude Forquin nos aponta que:

de todas as questões suscitadas pela reflexão sobre os problemas da educação desde o começo dos anos 60, as que se referem à função de transmissão cultural da escola são, ao mesmo tempo, as mais confusas e as mais cruciais (1993, p. 9).

Segundo o autor, essa crise instaurada na década de 60 foi demonstrada pela instabilidade dos programas e cursos escolares, pois “não se sabia mais o que verdadeiramente merecia ser ensinado: o círculo dos saberes formadores perdeu seu centro e seu equilíbrio; a cultura geral perdeu sua forma e sua substância” (id).

Diante dessa crise da escola, qual seria o posicionamento dos professores/as? Como os mesmos foram afetados por essa instabilidade dos programas a serem ensinados na escola, por esse “não saber verdadeiramente o que ensinar?” (ibid., p.9).

O autor apresenta a questão do sentimento do professor/a quanto ao seu envolvimento com a prática e com o que está a ministrar, ou seja, o compromisso da consistência em seus conteúdos, sua pertinência, sua utilidade, seu interesse, seu valor educativo ou cultural ou a acomodação e, como consequência, o termo por ele utilizado, o de conviver com uma “dolorosa consciência”.

Segundo Forquin, a escola ao passar por esse momento de crise, se vê envolta por um processo no qual seu valor encontra-se ameaçado diante de toda a sociedade, e cabe a mesma e a todo o meio de forma direta ou indireta buscar uma reestruturação:

“O discurso de restauração” que se esboça nos anos 80 fica muito freqüentemente confinado ao estreito âmbito do ressentimento. De fato, por toda parte, é o instrumentalismo estreito que reina, o discurso da adaptação e da utilidade momentânea, enquanto que as questões fundamentais, as que dizem respeito à justificação cultural da escola, são sufocadas ou ignoradas (ibid, 1993, p. 10, grifo no original).

Para complementar um pouco mais essa exposição sobre a função da escola, nos utilizaremos de dois depoimentos apresentados por Menga Lüdke e Zélia Mediano (1997), junto a professores, professoras e equipe técnica, de

determinadas escolas, durante a realização de uma pesquisa quanto à função da escola³:

A escola, ao meu ver, seria um lugar onde a criança pudesse brincar, ser compreendida, ser atendida, ser ouvida, tivesse o espaço dela para ter mau humor, bom humor, para desenvolver todas as capacidades (psicomotora, de inteligência...). Um espaço mesmo para o desenvolvimento, tendo alguém que a encaminhe, que esteja preparado para atender as necessidades da criança, para ela se desenvolver por completo (...). É lógico que a gente desenvolvendo a criança, a gente pensa no conhecimento também. Mas acho que o interesse pelo conhecimento parte da própria criança (professora Célia, Escola Cotovia);

As funções da escola são muitas, mas a função mais clara em minha cabeça, para que esta escola volte a ser respeitada como escola, é de informar, preparar o aluno para a vida, transformando o aluno em uma pessoa crítica, não só capaz de notar o que está errado à sua volta, mas operar mudanças. Eu acho que a gente tem de abandonar a idéia de escola paternalista, de que o aluno pobre não aprende, de que só vem para merendar. Só assim que vamos desempenhar nosso verdadeiro papel: o de formar cidadãos (supervisora, Escola Sabiá).

Nas falas acima, é possível constataremos duas conceituações distintas de escola. A primeira concede à escola uma função paternalista, de cuidados, de preocupação com a criança e com o seu desenvolvimento integral. A segunda, por sua vez, concebe a escola como um meio de preparação para vida, com o objetivo de informar e capacitar, e valoriza o saber institucionalizado, o que segundo a depoente tornaria a criança um ser crítico, preparado para a vida em sociedade. Mas será que a escola está dando conta dessa preparação para a vida? Será que a escola realmente capacita o aluno a operar mudanças, a pensar em situações?

Rodrigues (1985), citado por Lüdke e Mediano (1997) afirma que a educação escolar repassa aquilo que corresponde à herança cultural, política e profissional da sociedade às pessoas que estão ingressando no universo social. O

³ Este livro procura fazer uma análise sociológica da escola, apresentando diversas questões relevantes, como a função da escola, a avaliação, dentre outras. Os nomes das escolas e professores/as utilizados pelas autoras são fictícios.

saber com que a escola lida é, pois, um saber organizado, é um saber das “elites”, dos grupos que produzem um determinado tipo de saber.

A partir da reflexão de Rodrigues, qual a concepção de escola que notamos? Uma escola que educa para a aceitação, para o não questionamento das situações, uma escola preocupada com um saber elitizado, no qual as crianças são moldadas segundo os interesses da e para a sociedade?

Apresentaremos agora uma concepção de escola de Rubem Alves (2001, p. 36), na qual ele faz uma analogia da instituição escola com uma linha de montagem, citação esta que também corresponde ao que Rodrigues apontou, uma escola que educa para a aceitação e para o não questionamento das situações:

Nossas escolas são construídas segundo o modelo das linhas de montagem. Escolas são fábricas organizadas para a produção de unidades biopsicológicas móveis, portadoras de conhecimentos e habilidades. Esses conhecimentos e habilidades são definidos exteriormente por agências governamentais a que se conferiu autoridade para isso. Os modelos estabelecidos por tais agências são obrigatórios, e têm força de leis. Unidades biopsicológicas móveis que, ao final do processo, não estejam de acordo com tais modelos são descartadas. É a sua igualdade que atesta a qualidade do processo. Não havendo passado no teste de qualidade-igualdade, elas não recebem os certificados de excelência ISO – 12000, vulgarmente denominados diplomas. As unidades biopsicológicas móveis são aquilo que vulgarmente recebe o nome de “alunos”. As linhas de montagem denominadas escolas organizam-se segundo coordenadas espaciais e temporais. As coordenadas espaciais se denominam “salas de aula”. As coordenadas temporais se denominam “anos” ou “séries”. Dentro dessas unidades espaço-tempo, os professores realizam o processo técnico-científico de acrescentar sobre os alunos os saberes – habilidades que, juntos, irão compor o objeto final. Depois de passar por esse processo de acréscimos sucessivos – à semelhança do que acontece com os “objetos originais” na linha de montagem da fábrica, o objeto original que entrou na linha de montagem chamada escola (naquele momento ele chamava “criança”) perdeu totalmente a visibilidade e se revela, então, como um simples suporte para os saberes – habilidades que a ele foram acrescentados durante o processo. A criança está, finalmente, formada, isto é, transformada num produto igual a milhares de outros ISO – 12000: está formada, isto é, de acordo com a fôrma. É mercadoria espiritual que pode entrar no mercado de trabalho.

Diante de tudo o que foi exposto sobre a escola, desde seu conceito primordial de transmissora de conhecimentos, de saberes, até o fato de ser

considerada um meio de educação e cultura responsável pela formação humana, e passível de contribuir com a transmissão de valores, foi possível estar percebendo como a escola está na atualidade, na realidade, da mesma forma como descreve Rubem Alves, ou seja, a escola com um caráter de produção, na qual formam-se sujeitos, como coloca o autor, portadores de conhecimentos e habilidades, os quais são definidos exteriormente por agências governamentais, transformando-os em sujeitos limitados em suas capacidades e aptos a determinadas práticas necessárias, ao bem-estar de uma sociedade desigual, sendo que é a igualdade desses sujeitos que irá atestar a qualidade, o diferente, aquele que indaga, que questiona, não passará no controle de qualidade.

Será que é essa a escola que precisamos? Acreditamos numa escola que desperte no aluno/a o gosto pela ação de aprender, de conhecer e a capacidade de refletir sobre suas ações e diversas situações recorrentes em seu cotidiano, tornando esse aluno/a um sujeito reflexivo e questionador. E é por isso, que demais questões referentes à escola, como as que serão abordadas com o decorrer deste trabalho se fazem pertinentes, pois estarão contribuindo para uma melhor compreensão sobre esse meio de formação e transmissão de saberes.

1.1.1 - Cultura

Diante das diversas concepções e funções apresentadas para a escola, iremos nos voltar para a concepção de escola que Forquin (1993) apresenta. O autor não a considera de forma isolada, mas procura relacioná-la com a cultura e com a

educação, nos proporcionando colocações importantes sobre esses dois âmbitos.

Sendo assim Forquin relata:

uma relação íntima entre educação e cultura, tendo a palavra “educação” num sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, ou ainda a restringindo unicamente ao domínio escolar, reconhecendo que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe também necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação, sendo caracterizado como algo que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, podendo perfeitamente ser denominado Cultura. (1993, p. 10, grifos no original).

Para o autor qual seria o significado da palavra cultura? Ele apresenta colocações interessantes, como sendo a palavra-chave, a palavra-guia, do vocabulário da educação. Entre os empregos da mesma, podemos observar duas modalidades: primeiramente a proposta por Henri Marrou (1948) citado por Forquin:

“perfectiva” (sem dúvida também com uma conotação “elitista”): a cultura considerada como o conjunto das disposições e das qualidades características do espírito “cultivado”, isto é, a posse de um amplo leque de conhecimentos e de competências cognitivas gerais, uma capacidade de avaliação inteligente e de julgamento pessoal em matéria intelectual e artística, um senso da “profundidade temporal” das realizações humanas e do poder de escapar do mero presente. (1993 p.11, grifos no original).

E por outro lado a concepção de cultura desenvolvida pelas ciências sociais contemporâneas, considerando a cultura como o conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo, compreendendo os aspectos que se podem considerar como os mais cotidianos.

Antes de falarmos mais sobre a relação escola e cultura proposta por Forquin (1993), vale a pena considerarmos o que José Luiz dos Santos (2003), nos apresenta com relação ao termo cultura, buscando uma maior compreensão sobre o mesmo. O autor a coloca como sendo uma preocupação contemporânea, a qual busca entender os muitos caminhos, que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro.

Santos afirma que o desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la.

Assim, cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam, ou seja, é preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos.

Segundo o autor se a compreensão da cultura exige que se pense nos diversos povos, nações, sociedades e grupos humanos, é porque eles estão em interação, se não estivessem não haveria necessidade, nem motivo, nem ocasião para que se considerasse variedade nenhuma.

Sendo assim relata ainda três possibilidades de compreensão empírica da palavra cultura:

Por vezes se fala de cultura para se referir unicamente às manifestações artísticas, como o teatro, a música, a pintura, a escultura. Outras vezes, ao se falar na cultura da nossa época ela é quase que identificada como os meios de comunicação de massa, tais como o rádio, o cinema, a televisão. Ou então cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada. (Santos, 2003, p.22).

Entretanto, Santos defende a idéia de cultura de uma forma mais geral, preocupado com tudo o que caracteriza uma população humana, e afirma que não há porque nos confundirmos com tanta variação de significado. O que importa é que pensemos sobre os motivos de tanta variação, que localizemos as idéias e temas principais sobre as quais elas se sustentam.

Após todas essas colocações sobre cultura, explicitaremos agora, segundo as palavras de Santos (2003), duas concepções básicas: a primeira, que se preocupa com todos os aspectos de uma realidade social, e deste modo, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade, considerando as características dos agrupamentos, preocupando-se com a totalidade dessas características, tanto com relação às maneiras de conceber e organizar a vida social, quanto com relação a seus aspectos materiais.

Embora, essa concepção de cultura possa ser usada de modo genérico, ela é mais usual quando se fala de povos e de realidades sociais bem diferentes das nossas, com os quais partilhamos de poucas características em comum, seja na organização da sociedade, na forma de produzir o necessário para a sobrevivência ou nas maneiras de ver o mundo.

A segunda concepção se refere mais especificamente ao conhecimento, às idéias e crenças, assim como às maneiras como eles existem na vida social. É possível perceber, que mesmo nessa concepção há uma referência à totalidade de características de uma realidade social, já que não se pode falar em conhecimento, idéias, crenças sem pensar na sociedade a qual se referem, o que ocorre é que há uma ênfase especial no conhecimento e dimensões associadas.

Santos, porém, alerta que ambas as concepções levam muitas vezes a entender a cultura como uma realidade estanque, parada. Porém, destaca que cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica, criadora, em processo, uma dimensão fundamental das sociedades contemporâneas.

É, devido, a isto que se faz pertinente compreender que cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para, que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam, pois, só poderemos respeitar a diversidade cultural se entendermos a inserção dessas culturas particulares na história mundial. Se insistirmos em relativizar as culturas e só vê-las de dentro para fora, teremos de nos recusar a admitir os aspectos objetivos que o desenvolvimento histórico e da relação entre povos e nações nos impõe.

Segundo Forquin (1993), “o pensamento pedagógico contemporâneo não pode se esquivar de uma reflexão sobre a questão da cultura e dos elementos culturais dos diferentes tipos de escolhas educativas, sob pena de cair na superficialidade”. Este fala da situação de não poder dispensar a idéia de cultura, mas tampouco de poder utilizá-la como um conceito claro e operatório e que elucidar a questão dos fundamentos e das implicações culturais da educação é hoje uma tarefa perseguida de modo indireto e fragmentário, mas que vale a pena ser perseguida, pois é a justificativa fundamental do processo educativo.

Deste modo, o autor apresenta a função de “transmissão cultural” da escola, e que a educação implica um esforço voluntário com vistas a conferir aos indivíduos (ou ajudar os indivíduos a adquirir) as qualidades, competências, disposições, que

se tem por desejáveis, e que para isto nem todos os componentes da cultura no sentido sociológico são de igual utilidade, de igual valor. Com isso, procura enfatizar a importância tanto da cultura “letrada”, um aprendizado mais formal, sistematizado, quanto à que obtemos de modo mais informal, se referindo a costumes, valores, crenças entre outros.

Após essa exposição sobre as diferentes acepções de Cultura, podemos concluir que ela significa um patrimônio de conhecimentos e competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma comunidade humana particular.

Se a partir do que foi exposto, encontramos a escola diretamente relacionada com a cultura, como a educação pode estar, então, relacionada com ambas? Essa relação é o que estará norteando o próximo passo deste trabalho.

1.1.2 - Educação

O que é educação? De que forma podemos relacioná-la com a cultura? Segundo Reboul, citado por Forquin (1993, p. 12): “A educação é o conjunto dos processos e dos procedimentos que permitem à criança humana chegar ao estado de cultura, a cultura sendo o que distingue o homem do animal”.

Assim, o autor coloca que toda reflexão sobre educação e cultura, pode partir da idéia de que o que justifica o empreendimento educativo é a responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana considerada como cultura, não apenas como tudo o que pode ser vivido, pensado, produzido pelos homens desde o começo dos tempos, mas como aquilo que

encontramos nos saberes cumulativos e controláveis, nos sistemas de símbolos inteligíveis, nos instrumentos aperfeiçoáveis, nas obras admiráveis. Portanto Forquin considera que:

pode-se dizer que a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela, e que é através do trabalho paciente e continuamente recomeçado de uma “tradição docente” que a cultura se transmite e se perpetua: a educação “realiza” a cultura como memória viva, reativação incessante e sempre ameaçada, fio precário e promessa necessária da continuidade humana (1993, p. 14, grifos no original).

O autor salienta, que a educação do tipo escolar supõe sempre na verdade uma seleção no interior da cultura e uma reelaboração dos conteúdos da cultura destinados a serem transmitidos às novas gerações; que a educação consiste em introduzir os membros das novas gerações no interior de um mundo que eles não conhecem e que eles deverão habitar durante um certo tempo, antes de remetê-lo por sua vez como herança a seus sucessores; que se faz necessário reconhecer, que esta ordem humana da cultura, como também afirma Santos (2003), varia de uma sociedade a outra e de um grupo a outro no interior de uma mesma sociedade; que ela não se impõe jamais de forma certa, incontestável e idêntica para todos os indivíduos, significando dizer então, que a educação transmite elementos da cultura, entre os quais não há homogeneidade, mas que podem provir de fontes diversas, ser de épocas diferentes, obedecer a princípios de produção e lógicas de desenvolvimento heterogêneos, não recorrendo aos mesmos procedimentos de legitimação. Então:

A relação entre educação e cultura poderia ser bem mais compreendida através da metáfora da bricolagem (como re-utilização, para fins pragmáticos momentâneos, de

elementos tomados de empréstimo de sistemas heterogêneos) do que através da metáfora do reflexo ou da correspondência expressiva (Forquin, 1993, p. 15).

O autor enfatiza ainda, que o problema da “seleção cultural” escolar está relacionada ao estado dos conhecimentos, das idéias, dos hábitos, dos valores que se desenrolam no interior da sociedade, ou seja, a escola ensina uma parte restrita de tudo o que constitui a experiência coletiva, a cultura viva de uma comunidade humana.

Escola, educação e cultura, três palavras que estão intimamente interligadas e, portanto, não podemos desconsiderar a importância deste entendimento. Segundo Freire (2002, p. 25) “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. E como complemento para essa questão da relação ensino-aprendizagem, desse compromisso da escola, do professor/a com a educação, com o ensinar, é que volto a citar Forquin quando este autor nos diz que:

toda pedagogia cínica, isto é, consciente de si como manipulação, mentira ou passatempo fútil, destruiria a si mesma, pois afirma que ninguém pode ensinar verdadeiramente alguma coisa se não ensina algo que seja verdadeiro ou válido a seus próprios olhos, por isso é que o mesmo afirma ainda que todo questionamento ou toda crítica envolvendo a verdadeira natureza dos conteúdos ensinados, sua pertinência, sua consistência, sua utilidade, seu interesse, seu valor educativo e cultural, constitui para os professores um motivo privilegiado de inquieta reação ou de dolorosa consciência (1993, p. 9)

Ao falar nesse processo de educação, de transmissão de conhecimentos, da relação aluno/a - professor/a, faremos uma relação com o que escreve Gabriel Cachorro, quando apresenta atitudes e comportamentos de alunos/as e professores/as no meio escolar, colocadas como forma de representação, ou ainda, nas palavras do autor, “Simulação ou Voyeurismo”:

A simulação do aluno ativa um jogo de sedução e conquista do outro, com armas de distintas características. Materializa-se com o olhar atento e respeitoso, de fazer como que estivesse entendendo o tema de conversação com um ligeiro movimento de cabeça, de aceitação dos discursos que estão vindo de um emissor. Reforça-se com uma pergunta que simula interesse e preocupação pelo tema tratado em sala, com um tratamento cordial e respeitoso diante do outro que se deseja conquistar, outorgando-lhe um lugar de hierarquia e adulando. A simulação mostra sua face patética quando se faz passar o tempo fingindo que se dá a aula, iludindo os alunos, aplicando a demagogia do trato afetuoso e o “laissez-faire” (deixar fazer), com amabilidades, cordialidades que iludem os conflitos, diminuindo os conteúdos, abrandando as avaliações, promovendo discursos vazios de conteúdos, outorgando moratórias eternas para quem não realizou trabalhos práticos, exames. A simulação constitui então uma confabulação de todos os membros da comunidade escolar, um segredo grupal que está implícito na escola que não a torna explícita, mas que todos sabem de sua existência. Trata-se de um ritual abúlico, rígido, carente de paixão, de mobilização, de compromisso que se deve celebrar apesar da ausência de desejo (2003, p. 239; 240).

O autor apresenta a relação ensino-aprendizagem, como um processo carente de desejo e paixão, porém, acreditamos e vislumbramos que nesta relação, que neste processo o que deve prevalecer é realmente isto, o desejo de fazer sempre o melhor e a paixão pelo que faz, independente das dificuldades, tanto por parte do professor/a, que deve se apresentar disposto e motivado a ensinar, quanto por parte do aluno/a, que deve sempre querer aprender mais, pois quanto mais vontade de aprender e interesse demonstrar o aluno/a, mais vontade terá o professor/a de ensinar, e aprimorar seus conhecimentos para poder repassá-los com qualidade. E para que isto realmente se efetive, a relação entre ambos deve ser de cumplicidade e de respeito, e o diálogo também deve se fazer presente, pois só assim, a qualidade do ensino poderá melhorar e é realmente nisto que acreditamos e o que esperamos.

2 - QUE AULA É AGORA? VAMOS CONSULTAR NOSSO CURRÍCULO...

2.1 - CURRÍCULO

Após falarmos sobre escola, cultura e educação, neste capítulo apresentaremos questões mais específicas do universo escolar, as quais se referem ao ensino propriamente dito. Assim, Nereide Saviani afirma, que:

discutir sobre a escola e seus problemas na atualidade requer que se reflita sobre questões relativas ao que lhe é específico, ou seja, questões relativas ao saber, sua produção e veiculação (transmissão – assimilação – apropriação) nas situações de ensino-aprendizagem escolares (1998, p. 1).

Na citação acima, a autora afirma que discutir sobre a escola é considerar sua especificidade, ou seja, considerar os saberes os quais serão transmitidos, assimilados e apropriados, tanto pelo professor/a, quanto pelo aluno/a. E ainda complementa salientando que:

Quando se trata de definir qual saber deve a escola difundir, como e a quem, as idéias são as mais variadas, cruzam-se, aproximam-se, opõem-se, avançam, recuam, saem de cena, reaparecem, ostentam-se, dissimulam-se... a depender da correlação de forças, conforme as necessidades e exigências impostas pelas circunstâncias e pelos atores em movimento, em conflito. É por isso que nesses últimos anos, muito se tem discutido e escrito, em Educação, a respeito da necessidade de recuperação da qualidade de ensino, a qual situa-se no plano da revalorização do conteúdo (id.).

Mas afinal, o que ensinar? Quais os saberes mais relevantes, ideais para serem repassados? E quais os saberes que realmente estarão contribuindo com um ensino de qualidade? E são nestas questões que iremos nos focar neste capítulo: os saberes ensinados, o currículo escolar e as disciplinas escolares. Segundo Saviani:

Vários são os estudos que, explícita ou implicitamente, analisam o papel do conteúdo do ensino: ora valorizado como fim em si mesmo, acima do método, ora subordinado à relação aluno-professor, às técnicas, aos procedimentos, aos recursos didáticos; em alguns casos desacreditado ou aceito tão somente quando a serviço da conscientização; em outros, como fator de instrumentalização para fins de participação social (ibid., p. 3).

Nas passagens acima a autora destaca a importância do conteúdo para o processo de ensino-aprendizagem, ou seja, ao mesmo tempo em que podemos ter conteúdos inexpressivos, contamos com conteúdos de grande relevância para a formação do aluno/a. Além disso, o quanto se faz imprescindível os procedimentos utilizados pelo professor/a nesse processo, seja com relação às técnicas, aos recursos didáticos, considerando até mesmo a relação entre aluno/a e professor/a.

Críticas à escola que “despeja conteúdo” caminham em diferentes direções, a maioria subestimando o papel do conteúdo: ora subordinando-o a atividades de orientação, de integração, de ajustamento do indivíduo ao meio; ora substituindo-o por programas assistenciais e filantrópicos ou por atividades desportivas e de lazer, ou preterindo-o em favor de atividades políticas, por considerá-lo sempre um desserviço às camadas populares, dando seu caráter fatalmente ideológico (id).

A autora nos aponta que: “as discussões em torno de ‘o que e como ensinar’ nem sempre se fazem acompanhar de reflexões sobre ‘porque e para que’ ensinar e, raramente, de especificação de ‘a quem’ se dirige o ensino” (id, grifos no original).

Então, diante de toda essa discussão sobre “o que e como ensinar”, “do que é ou não relevante” para determinado meio escolar abordaremos a questão do currículo, buscando compreender o que é e como o mesmo encontra-se inserido na escola, compreendendo dessa forma sua relevância.

Como se dá a relação entre a escola e o currículo? Saviani (1998) afirma que a escola enquanto reprodutora atua na seleção e distribuição do conhecimento e que o currículo nada mais é do que uma seleção no interior da cultura, uma filtragem de conhecimento de modo a torná-lo acessível a diferentes grupos, conforme a necessidade do controle social e da maximização da produção. De acordo com a autora:

A idéia de currículo faz-se logo acompanhar pelas de ordem (“no sentido de seqüência interna”) e de disciplina (“no sentido de coerência estrutural”), como elementos indispensáveis a qualquer curso. Soma-se ainda a de ordenação, que implica “metodização” no sentido de formalização: “o ensino adquiriria maior força e/ou eficiência se se formalizasse (ou ‘metodizasse’). (ibid., p. 20-21).

E com isso, segundo Hamilton (1991, p. 203 - 204) citado por Saviani:

O ensino, portanto, passaria a seguir um “plano rígido”, compreendendo as áreas de estudo a que se dedicaria cada professor (ou regente) e as normas de conduta do aluno, cuja promoção de um nível a outro do curso dependeria dos progressos nos estudos e do cumprimento das normas estabelecidas, e cuja vida estudantil estaria sob a supervisão do professor. E o *currículo*, representando todo esse conjunto, era o nome dado ao certificado de conclusão do curso, com a avaliação dos resultados de cada estudante. Com o tempo, o termo currículo evolui da idéia inicial de registro da vida estudantil de cada aluno (num uso figurado da expressão latina “*curriculum vitae*”, que significava “*carreira*”) para indicar o conjunto dos “*novos traços ordenados e seqüenciais da escola do século XVI*” (1998, p. 21, grifos no original).

Os conceitos acima citados, de forma geral, nos passam a idéia de currículo como uma forma de sistematização de conteúdos elaborados por determinada instituição, com o objetivo de contribuir com o aprendizado dos alunos/as. Entretanto, há um outro entendimento do termo currículo, o qual compreende o mesmo não como uma programação de estudos, como um arranjo de disciplinas e

conteúdos a serem ministrados, mas como uma forma de representação do universo escolar.

De acordo com Forquin (1993), outros autores, contudo, insistirão menos no aspecto prescritivo e intencional do currículo do que nos resultados efetivos de sua execução, isto é, no que acontece realmente aos alunos, no plano cognitivo, mas também no plano afetivo e social, devido, ao ensino que eles recebem e a sua experiência de escolarização.

Como sublinha Lawrence Stenhouse (1975), citado por Forquin (op. cit) há certamente uma diferença importante de ênfase entre esta definição e as precedentes: não seria o mesmo definir o currículo como um programa de estudos ou aprendizagem regularmente prescrita por uma instituição de educação formal e defini-lo como aquilo que acontece objetivamente ao aluno como resultado da escolarização enquanto experiência vivida.

É assim que alguns autores utilizarão a noção de "currículo oculto" ou "programa latente" ("hidden curriculum") para fazer sobressair bem a diferença entre o que é explicitamente perseguido pela escola e o que é efetivamente realizado pela escolarização enquanto desenvolvimento das capacidades ou modificação dos comportamentos nos alunos. Segundo Forquin:

O "currículo oculto" designará estas coisas que se adquirem na escola (saberes, competências, representações, papéis, valores) sem jamais figurar nos programas oficiais ou explícitos, seja porque elas realçam uma "programação ideológica" tanto mais imperiosa quanto mais ela é oculta, seja porque elas escapam, ao contrário, a todo controle institucional e cristalizam-se como saberes práticos, receitas de "sobrevivência" ou valores de contestação florescendo nos interstícios ou zonas sombrias do currículo oficial (ibid, p. 23, grifos no original).

Ocorre com isso, que toda aprendizagem passa pela aquisição, pela assimilação de certos conteúdos. P.H. Taylor e C. Richards (1979, p. 11) ambos citados por Forquin (ibid, p. 24) afirmam que:

O currículo está no centro do empreendimento educativo. É o meio pelo qual o ensino se cumpre. Sem um currículo o ensino não teria veículo nenhum através do qual transmitir suas mensagens, encaminhar suas significações, transmitir seus valores.

Segundo Forquin, para ambos os autores é pelo currículo e enquanto currículo que o ensino se realiza como transmissão de alguma coisa, ao mesmo tempo, que como programa de formação que se dirige a alguém. Desse modo, como seria esse processo de seleção de conhecimentos que fariam parte de um currículo? Da mesma forma como colocou Raymond Williams (1961), Denis Lawton, citado por Forquin (ibid, p. 25):

define o currículo escolar como o produto de uma seleção no interior da cultura de uma sociedade. Alguns aspectos de nosso modo de vida, alguns tipos de conhecimentos, algumas atitudes e valores são considerados, com efeito, como se revestindo de importância suficiente para sua transmissão à geração seguinte seja deixada ao acaso em nossa sociedade, sendo, por isto, confiada a profissionais especialmente formados (os professores) no contexto de instituições complexas e onerosas (as escolas). Nem tudo o que constitui uma cultura é considerado como tendo tal importância, e de todo modo dispõe-se de um tempo limitado; em consequência, uma seleção é necessária. Diferentes escolas podem fazer diferentes tipos de seleções no interior da cultura (1975, p.6)

Na citação acima é possível compreender que o autor coloca o currículo como sendo constituído por determinados conhecimentos, atitudes e valores, os quais são considerados conhecimentos selecionados, uma seleção de partes constituintes da cultura, pois nem tudo o que é considerado cultura se faz pertinente

ser repassado, não possui sua devida importância, por isso se enfatiza: “uma seleção no interior da cultura”. E que essa responsabilidade de transmissão se deve aos professores/as, profissionais capacitados para essa ação de ensinar, algo a alguém e também à escola, instituição responsável pela transmissão de conhecimentos, tendo como fim a formação humana de crianças, jovens e adultos.

O autor nos chama a atenção também para o fato de que diferentes escolas podem fazer também diferentes seleções no interior da cultura. Para que uma escola possa fazer essa seleção específica de conteúdos, de estratégias para a relação ensino-aprendizagem, a mesma deve levar em consideração as necessidades do aluno e o meio no qual esse aluno se insere. Será que a maioria das propostas curriculares apresentam essa especificidade?

De acordo com Maria Isabel Bujes (1999), o currículo tem sido associado ao conhecimento que é transmitido pela instituição escolar. Ele se refere tanto aos conteúdos como ao conjunto de experiências de aprendizagem previamente definidas, seqüencialmente organizadas e hierarquizadas em função de sua complexidade crescente. Segundo a autora:

O currículo constitui a explicitação de uma trajetória escolar que, partindo de uma série de considerações prévias - o que se pretende, a quem se destina, o que ensinar, como ensinar, de que forma, o que e como avaliar - conduziria os sujeitos à autonomia moral e intelectual que faria deles os cidadãos/ãs racionais reclamados pelo mundo moderno (1998, p. 159).

Segundo Bujes verificar ano (1999, p. 159, grifos no original), “o currículo seria um roteiro de viagem, um ‘balizador de ações’, que se estabeleceria a partir de

concepções de homem e sociedade, de uma concepção de conhecimento e de uma seleção de elementos da cultura”.

De acordo com a autora as idéias de ordem e de estrutura também são centrais na compreensão deste significado de currículo. A organização de seqüências de aprendizagens e a articulação destas entre os diversos campos de conhecimentos trazidos para a escola constituem a base do processo curricular, nesta concepção.

Sabe-se assim, que a escola moderna está, pois, ligada indissociavelmente ao currículo e é ele que serve de base à estrutura da moderna educação escolarizada. De acordo com Bujes:

O pressuposto aqui presente é de que o conhecimento disciplinar, que teria nas suas origens uma “base científica”, falaria uma “verdade sobre o mundo”, portanto, daria uma ordem a este mesmo mundo, sendo capaz de organizá-lo (Bujes, 1998, p. 160).

A ordem ou a disposição disciplinar – ou disciplinaridade – que orienta os currículos é produto de uma maneira de conceber o conhecimento. É produto de circunstâncias históricas, sociais, políticas e econômicas, constituindo uma poderosa camisa de força que orienta as experiências de proposição de referenciais para qualquer nível de ensino. Exemplo disso é a homogeneidade nas propostas vigentes, no currículo da escola básica, nos países do mundo ocidental.

Aqui, como exemplo, e se referindo também a questão acima apontada, com relação à especificidade de conteúdos de determinado meio escolar, podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os Parâmetros, segundo Francisco Caparroz (2003), devem ser considerados o ponto fundamental da reforma educacional, pois é aquilo que de mais “concreto” chega às “mãos” da maioria dos professores. Dessa forma, poderemos citar os PCNs como uma

proposta homogênea? O autor os considera como algo que é imposto, como uma camisa de força, como uma proposta curricular estanque, a qual foi elaborada distante de uma realidade educacional.

Segundo Caparroz, para entender a lógica dos PCNs, faz-se necessário uma análise do processo de elaboração dos mesmos e o lugar que ocupam na política educacional do governo brasileiro. Os PCNs foram construídos por especialistas em educação e especialistas das diferentes áreas/disciplinas contratados pelo Ministério da Educação (MEC). Trata-se de um processo centralizado do qual não participaram os professores que atuam nas escolas, muito menos os diversos segmentos da sociedade civil, que de certa forma estão envolvidos com o campo educacional, tais como as associações científicas, os sindicatos, as associações de alunos, de pais, entre outros. A forma como esse processo se deu não o qualifica como democrático e participativo, o que causa estranheza, já que a elaboração de um documento como os PCNs

implica tomar importantes decisões sobre o que significa educar, sobre quais conhecimentos são importantes e merecem estar representados, sobre quais valores e tradições culturais devem ser incluídos e quais devem ser excluídos, sobre quais formas de conhecer e aprender devem ser privilegiadas. Num mundo social tão plural e dividido como este em que vivemos é duvidoso que haja um consenso tão tranquilo e estabelecido quanto aquele que está pressuposto no processo pelo qual se elaboraram os PCNs (Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996, p.129, citado por Francisco Caparroz, 2003, p. 310).

De acordo com o que foi exposto, o que podemos esperar de uma proposta curricular que foi elaborada para o meio escolar, a qual, porém, deixa de considerar a participação professores/as, pais, alunos/as, funcionários/as, pessoas as quais estão diretamente envolvidas com o processo de escolarização? Quem melhor que

essas pessoas que estão diariamente envolvidos com a escola para saber o que é *melhor*, qual o conteúdo *ideal* a ser ministrado. Esse conteúdo escolhido a “dedo”, por pessoas alheias ao processo de escolarização, vem desconsiderar os alunos, a escola e suas necessidades primordiais. Quais os critérios utilizados na seleção de determinados conteúdos.

Segundo Bujes (1998), o currículo é apresentado como um aparato técnico e político, que seu caráter instrumental é evidente e que trata de orientar as práticas escolares. Que o mesmo supõe uma clareza sobre a concepção de que homens e mulheres desejam formar e também uma unidade nesses propósitos, em toda a sociedade e que seu interesse central de controle sobre o processo educativo é evidente.

De acordo com a autora, é possível compreender o currículo como uma forma de controle, sendo que esse controle pode se dar por intermédio das disciplinas escolares, ao trabalharem com conteúdos pré-determinados e selecionados com fins específicos sejam estes de dominação ou alienação.

Como exemplo, Valter Bracht (2001) coloca que duas disciplinas foram implantadas no currículo escolar brasileiro como instrumentos da ditadura militar pós-64, que é a Organização Social e Política Brasileira (OSP) e Estudo dos Problemas Brasileiros (EPB). Aqui podemos então perceber a escola, o currículo escolar e as disciplinas escolares sendo utilizadas como meios de instrumentos governamentais.

Assim, segundo Bujes:

Trata-se de uma obra de engenharia educacional: dos arranjos estruturais para produzir o cidadão racional, consciente, capaz de discernimento, que atinge a

maioridade através da razão. Quero lembrar que é neste quadro de referência que se exalta o papel emancipatório do currículo e da escola, especialmente pelas possibilidades que estabelecerá de permitir a superação das diferenças sociais, de forma especial aquelas baseadas na classe de origem dos sujeitos escolares. (ibid, p. 160).

Por outro lado, Bujes considera que o currículo não é apenas um meio de dominação e alienação, mas que para, além disso, pode se tornar um meio de compreensão e superação de diferenças, sejam elas sociais, de gênero, sendo que para isso esse currículo que busca uma compreensão e superação deve considerar a presença de disciplinas e conteúdos que visem o desenvolvimento de um homem que seja consciente, que esteja determinado a aprender e apreender o que a escola lhe proporciona e racionalmente saber utilizar esses conhecimentos no meio em que vive, ou seja, a elaboração de um currículo comprometido com o social, com a formação humana que deve primar pela capacidade de assimilação e discernimento do aluno/a.

E por fim, José Gimeno Sacristán acrescenta:

o currículo é um objeto que se constrói no processo de configuração, implantação, concretização e expressão de determinadas práticas pedagógicas e em sua própria avaliação, como resultado das diversas intervenções que nele se operam (1998, p. 101).

Aqui, o currículo não é considerado fim, mas um processo, o qual é elaborado e reelaborado, com base em ações pedagógicas e em sua própria avaliação. Neste caso, as ações sobre o currículo são determinadas pelo meio, levando em consideração o contexto no qual o mesmo encontra-se inserido, respeitando assim os anseios e necessidades dos alunos/as.

Pois, como Schubert (1986, p. 3) citado por Sacristán (1998, p. 101) afirma: “O campo do currículo não é somente um corpo de conhecimentos, mas uma dispersa e ao mesmo tempo encadeada organização social”.

E é dentro dessa perspectiva, que se faz pertinente analisar e compreender o currículo e seus estudos, para que o mesmo não seja considerado apenas um amontoado de disciplinas, mas um conjunto de ações que compõem o universo escolar e ainda passar a compreender a função das disciplinas escolares, o que será, então, discutido no próximo tópico deste capítulo.

2.1.1 - As disciplinas escolares

Como foi possível concluir, com a discussão realizada anteriormente, diversas questões compõem o currículo, mas agora nos voltaremos para as disciplinas escolares e a sua contribuição com o meio pedagógico. Na escola, durante todo o processo de escolarização o aluno entra em contato com uma série de mecanismos pertinentes ao meio escolar, os quais caracterizam a cultura particular de cada escola, pois como afirma Forquin (1993, p. 167, grifo do autor) citado por Tarcísio Mauro Vago (2003, p. 202 e 203):

a escola é também um ‘mundo social’, que tem suas características de vidas próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e gestão de símbolos.

Além disso, é possível afirmar empiricamente, que a principal função da escola é a transmissão de conhecimentos, de informações, as quais costumamos

chamar de conteúdo didático, que serão repassadas aos alunos por intermédio das disciplinas escolares.

Nereide Saviani (1998), afirma que as disciplinas escolares, enquanto parte integrante de currículos, estão sujeitas às eventualidades de sua elaboração e implementos, mas que ao mesmo tempo possuem suas próprias particularidades.

Com isso, valem para o estudo das disciplinas escolares, as considerações feitas para caracterizar os processos de elaboração e realização curriculares. Saviani (1998, p. 29 e 30) aponta algumas delas:

A idéia de organização, seqüenciação, dosagem dos conteúdos segundo prioridades estabelecidas e de acordo com as exigências de controle do processo educativo;

Sua presença no currículo com seu programa pressupõe uma seleção realizada no seio da cultura, consistindo numa “reinvenção cultural”;

Sua constituição, consolidação, alteração, desaparecimento/ressurgimento, resultam de conflitos que supõem soluções negociadas;

Seu valor relativo no currículo obedece a determinados padrões, às vezes ditados mundialmente.

É possível notar como a questão das disciplinas escolares, encontra-se relacionada com a questão do currículo; como as características anteriormente estabelecidas para a segunda, se refletem na primeira, respectivamente, e que de forma geral, o que é priorizado tanto com relação ao currículo, quanto com relação às disciplinas escolares é a questão da cultura, e sua reinvenção, fato este que se encontra diretamente ligado à educação. Segundo Saviani (ibid, p. 30, grifo no original),

o termo disciplina escolar - exceto quando se refere às normas de convivência e de conduta e aos mecanismos punitivos / emulativos para a manutenção da ordem estabelecida - tem-se associado à idéia de *matéria* ou *conteúdo* do ensino, sendo visto como um *componente do currículo*.

Na citação acima, a autora vem nos explicar, que o termo disciplina escolar, com o passar do tempo, adquiriu uma nova conotação, que deixou de ser considerada uma forma de representação dos mecanismos punitivos para a manutenção da ordem estabelecida, mas que passou a ser associada à idéia de matéria ou conteúdo de ensino, sendo considerada também um componente curricular. Chervel (1990, p. 177-80, grifo do autor), citado por Saviani (ibid, p. 30), constata que:

até meados do século XIX, a expressão *disciplina escolar* aparece tão somente no primeiro sentido (de “vigilância”, de “repressão das condutas prejudiciais à boa ordem” dos estabelecimentos). E que é a partir da segunda metade do século XIX que ele passa a ser usado na acepção de “conteúdos de ensino”.

De acordo com Saviani (1998), quando se fala em disciplina escolar, o que predomina é a ligação com o conjunto de conhecimentos de certo domínio ou área do saber, sendo entendida como um componente do currículo de determinado grau ou nível de ensino.

A autora afirma também, que para alguns teóricos da educação, a disciplina escolar consiste num sistema argumentado de conhecimentos, habilidades e hábitos selecionados de um ramo correspondente da ciência ou da arte para estudá-los em um centro docente.

De acordo com Forquin (1993, p. 62) citado por Saviani (ibid, p.31),

as disciplinas escolares supõem, mais que a aquisição de saberes, a formação de hábitos, a aquisição de “maneiras regulares e reguladas de operar face a um tipo de problemas, as quais foram desenvolvidas ao longo de uma tradição”

O autor nos fala que as disciplinas escolares significam muito mais que a aquisição de saberes ou a formação de hábitos, que as mesmas são consideradas

um meio para a reflexão e a compreensão de situações, tanto inerentes ao meio intra e extra escolar. Para Chervel (1990, p. 220, grifos no original), citado por Saviani (id)

a disciplina é, por sua evolução, um dos métodos da escolarização”, e sua marca é encontrável “em todos os níveis e em todas as rubricas da história tradicional do ensino, desde a história das construções escolares até a das políticas educacionais ou dos corpos docentes.

Saviani aponta três aspectos referentes às disciplinas escolares, os quais se fazem relevantes para uma melhor compreensão desta questão.

O primeiro deles é que a **instauração**, a **evolução** e as **mudanças das (e nas) disciplinas escolares** (inclusive seu surgimento e desaparecimento) devem-se a dupla ordem de fatores: os internos, que “dizem respeito às próprias condições de trabalho na área”; e os externos, “diretamente relacionados à política educacional e ao contexto econômico, social e político que as determinam”.

Assim Saviani (1998) afirma, que os interesses dos grupos dominantes na sociedade pesam, sem dúvida, na evolução das disciplinas escolares e a forma como vêem o papel e a importância da educação.

É difícil imaginar na prática como as disciplinas escolares podem ser e são influenciadas pelo meio, por grupos dominantes de nossa sociedade. Mas se visualizarmos os conteúdos que determinada escola trabalha com seus alunos, seja na matemática, na história, na geografia, é possível perceber que aqueles conteúdos organizados em livros didáticos são realizados por grupos alheios ao contexto cultural e social das escolas aos quais aqueles conteúdos serão aplicados.

Como consequência, os professores/as trabalham com conteúdos distantes da realidade dos alunos/as o que se torna algo maçante e desmotivante para os

mesmos. Saviani considera ainda, que existem também outros fatores determinantes sobre essa evolução, que chegam, inclusive, a interferir no ponto de vista “oficial”, tais como:

emergência de grupos de liderança intelectual, surgimento de centros acadêmicos de prestígio na formação de profissionais, organização e evolução das associações de profissionais e política editorial na área, dentre outros (ibid, p. 31 - 32, grifos no original).

Santos (1990, p. 27, grifos no original), citado por Saviani (id) afirma que:

para se entender a relação entre a determinação educacional e a social, as disciplinas escolares devem ser estudadas numa “perspectiva sócio-histórica”, ou seja, seu desenvolvimento deve ser compreendido como “resultante das contradições dentro do próprio campo de estudos, o que reflete e mediatiza diferentes tendências do campo educacional, relacionadas aos conflitos, contradições e mudanças que ocorrem na sociedade”.

De acordo com Saviani, existem finalidades educacionais de grande interferência em uma disciplina escolar, no tocante à sua inclusão/exclusão do currículo, à ordem de importância na “*hierarquia*” das disciplinas de uma série, nível, grau ou modalidade de ensino, e, inclusive, ao seu conteúdo, sendo estas: as específicas das escolas e as da sociedade (demandas da família, da religião, do regime sócio político), que variam conforme a época e o lugar.

Para Chervel (1990) citado por Saviani (op. cit), são finalidades impostas pelos diferentes tipos de ensino e por necessidades sócio-culturais diversas, como formação humanística, científica, artística, técnica, socialização do indivíduo, entre outras, as quais são explícita ou implicitamente colocadas, estando ou não estipuladas oficialmente.

É possível compreender aqui, que diferentes finalidades educacionais interferem diretamente na elaboração e manutenção de uma disciplina escolar, seja com relação a sua importância para determinada escola, ou seja, questão de prioridade dessa disciplina ser ou não ministrada e ainda com relação aos conteúdos, os quais devem também ser relevantes e que muitas vezes são “sugeridos” e impostos por grupos dominantes, sem haver uma participação efetiva dos sujeitos nesta determinação.

Também relacionadas com a evolução das disciplinas escolares (recebendo sua influência, mas nem sempre nelas interferindo) são as condições materiais nas quais se desenvolvem o ensino: as construções escolares, o mobiliário, os recursos didáticos, o material do professor e do aluno, que se instauram e se modificam em função das finalidades educacionais e de acordo com o público escolar (idade, origem sócio-econômica, etc.);

De acordo com (Chervel, 1990, grifos no original), citado por Saviani (id).

As disciplinas escolares também sofrem alterações na medida da renovação/estabilidade do corpo docente e das exigências e pleitos que as carreiras profissionais passam a apresentar. Mas as mudanças mais determinantes advêm, inegavelmente, da *“transformação, social e cultural, dos públicos escolares”* que mesmo com a permanência das finalidades educacionais, determina alterações no conteúdo do ensino, interferindo na evolução das disciplinas escolares.

Um segundo aspecto a ser considerado é que existe **reciprocidade de influências** entre as disciplinas escolares e a cultura da sociedade. Se, por um lado, elas são constituídas a partir de valores e necessidades sócio-culturais, por outro lado, contribuem para uma certa “aculturação de massa”. Portanto, para Chervel citado por Saviani (id):

as disciplinas escolares “*são criações espontâneas e originais do sistema escolar:*” revelam seu “*caráter eminentemente criativo*” e seu duplo papel, o de formar indivíduos, ao mesmo tempo em que forma uma cultura (op. cit, grifos no original).

Por não se restringir à transmissão de saberes, isto é, por voltar-se também para a formação de hábitos, atitudes, habilidades, valores, convicções, etc, é que a escola exerce esse poder criativo, que os transformam num tipo peculiar de saber, o saber escolar, capaz de interferir na cultura da sociedade.

Tal “saber escolar” constitui uma linguagem que:

Adquire imediatamente sua autonomia, tornando-se um objeto cultural em si e, apesar de um certo descrédito que se deve ao fato de sua origem escolar, ela consegue, contudo se infiltrar subrepticiamente na cultura da sociedade global (Chervel, 1990, p. 200);

Entretanto, segundo Chervel,

os resultados da ação das disciplinas escolares não são facilmente perceptíveis. Nem sempre o nível cultural dos indivíduos pode ser atribuído a possível eficácia das práticas pedagógicas ou a eventual falha delas. A natureza e o grau da aculturação realizada pela escola não podem ser apreciados a não ser a uma certa distância (id).

Nem tudo o que a escola repassa aos seus alunos/as por meio das disciplinas escolares, são de fato, por eles/as assimilados/as. Diversos fatores relacionados ao processo de escolarização podem estar intervindo para que isso aconteça, seja com relação ao método de ensino, as condições estruturais da escola, o interesse do professor/a em repassar determinado conteúdo, o interesse do aluno/a em estar assimilando o que se está sendo repassado, ou seja, se isso

realmente tem valor, tem relevância para o mesmo, despertando então o desejo de conhecer e realmente aprender.

Finalmente, um terceiro aspecto: **as disciplinas escolares constituem um conjunto peculiar de conhecimentos**, dispostos especificamente para fins de ensino. O que define a fisionomia de uma disciplina é seu programa, com maior ou menor intensidade de temas, associado ou não a exercícios/atividades, dependendo do peso dado aos conteúdos escolares e da atenção às características do público alvo. Cada disciplina apresenta-se, pois,

como *corpus* de conhecimentos, providos de uma lógica interna, articulados em torno de alguns temas específicos, organizados em planos sucessivos claramente distintos e desembocando em algumas idéias simples e claras, ou em todo caso encarregadas de esclarecer a solução de problemas complexos (Chervel, 1992, p. 203, grifos no original)

Dessa forma, de acordo com Saviani (1998), a escola define o conteúdo do ensino, organizando nele os conhecimentos de uma forma toda peculiar, e as disciplinas são esses modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos.

Sendo assim, a educação deve ser entendida como um processo de conscientização, valorizando a relação dialógica, a formação da consciência crítica, a desmistificação do saber, a ênfase nos processos de produção do conhecimento, mais que no produto e uma flexibilidade metodológica que permita questionar o conhecimento e encontrar respostas a partir da vivência do aluno.

E o ensino devendo contemplar principalmente a expressão, a experiência, a vivência do aluno, utilizando seu capital cultural e seu interesse como base do conhecimento.

Trata-se, enfim, de combater e superar a visão que restringe o papel da escola à transmissão de verdades científicas e que concebe o currículo e as disciplinas escolares como corpos de conhecimentos pré-determinados e organizados hierarquicamente, resultantes de um suposto consenso cultural.

3 - AGORA É AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA!

A escola, o currículo escolar e as disciplinas escolares, estas foram as discussões que realizamos até aqui. Agora, passaremos a falar da Educação Física propriamente dita, a Educação Física como um componente curricular, buscando compreender qual sua função e relevância na escola, sendo este o foco central deste estudo.

Para tentarmos compreender essa situação, verificaremos o que alguns autores colocam com relação a essa questão.

É interessante a necessidade que a Educação Física tem de comprovar sua relevância na escola, de realmente mostrar sua eficácia. Essa necessidade seria decorrente do fato de a Educação Física ter uma relação direta com questões relativas ao corpo, ao movimento, de sua aula não ser freqüentemente realizada em sala-de-aula e sim na quadra com os alunos ao invés de estarem sentados, calados, e ouvindo atentamente as explicações dos professores/as, estarem se movimentando, gesticulando, conversando, enfim se expressando.

A aula de Educação Física tem sido considerada o momento no qual o aluno/a não precisa pensar, o momento que a criança possui para brincar e que o adolescente possui para se distrair e jogar bola. O que estará faltando para que a Educação Física consiga seu devido respeito na escola?

Estaremos a partir de agora tentando responder a essas questões, apontando os diversos fatores que contribuíram para que a Educação Física viesse a se tornar o que é hoje, um componente curricular obrigatório.

Bracht afirma, que no meio pedagógico, entre os pensadores da educação brasileira, havia a desconfiança de a Educação Física, juntamente com outras

disciplinas como a Organização Social e Política Brasileira (OSPB) e Estudo dos Problemas Brasileiros (EPB), ser considerada instrumento da ditadura militar de pós-

64. A questão inicial de Bracht (2001, p. 69) é:

por quais razões a Educação Física passou a integrar os currículos escolares? Por que em determinado momento, considerou-se relevante destinar um espaço, no currículo das escolas, no currículo do sistema educacional, à educação corporal? Essas razões que levaram à inclusão continuam atuais? É possível ainda sustentar a Educação Física tendo como base essas razões originais? E se a resposta for não, existe então a possibilidade de encontrar e construir fundamentos para justificar a Educação Física no currículo escolar hoje?

Segundo o autor a inserção da Educação Física como componente curricular remonta aos próprios primórdios da escola moderna como nós a conhecemos hoje, portanto, a escola da sociedade burguesa. De acordo com ele, sua inserção no currículo escolar foi devido à conjunção de uma série de fatores, todos eles condicionados pela emergência de uma nova ordem social nos séculos XVIII e XIX. Movimentos no plano da Medicina que, por sua vez, estão ligados ao desenvolvimento das ciências, à constituição do Estado Nacional, como também dos sistemas educacionais são determinados nessa época.

Bracht afirma que a Medicina dos séculos XVIII e XIX identifica uma importância cada vez maior no movimento: do movimento como forma de promover e manter a saúde, contrariando o anterior entendimento dominante de que ele provocaria desgaste corporal.

No discurso dos médicos do século XVIII, verifica-se uma mudança do entendimento do corpo. O advento da ciência moderna faz com que a Medicina construa uma outra visão de corpo, crescendo, como consequência, o entendimento

da importância do movimento como forma de manter e promover a saúde. Portanto, aquilo que vai servir de referência para fundamentar a importância da Educação Física está ancorado no discurso médico do século XVIII.

Ainda, de acordo com Bracht, o objetivo nunca foi só manter e promover a saúde, mas atingir o pleno desenvolvimento do que podemos chamar de potencialidades do homem, do ser humano. Isso porque um dos importantes instrumentos identificados pelos médicos para concretizar seus objetivos era a educação do povo, por isso a promoção da saúde foi, por assim dizer, pedagogizada.

Assim, as afirmações ou conclusões da Medicina são interpretadas pedagogicamente e traduzidas em estratégias de ação que envolvem também a escola, a educação do povo para a saúde. O Estado Nacional burguês pretendia abranger, com essas ações, a população como um todo. Dentro dessa perspectiva, a Educação Física vai ser considerada importante instrumento da promoção da saúde do povo. Para isso, criam-se estratégias, como a famosa polícia médica, as campanhas sanitárias, o movimento higienista e a Educação Física, isto é, a educação corporal com vistas à saúde também no ambiente escolar.

Além dessa intervenção da Medicina, no processo de legitimação da Educação Física, Tarcísio Mauro Vago (1995), nos apresenta que em suas origens escolares (séculos XVIII e XIX), primeiramente na Europa e, posteriormente, no Brasil, o que o contexto histórico determinou foi que o ensino da Educação Física estivesse vinculado tanto à preparação para o mundo do trabalho, quanto à preparação para o mundo da escola.

No primeiro caso, a Educação Física respondeu à necessidade social de preparação física de mão de obra infantil para as novas e diferentes modalidades do

mundo do trabalho fabril que se consolidava numa perspectiva capitalista, à manutenção desta mão de obra no trabalho, e ainda, à compensação dos seus efeitos nocivos ao corpo das crianças.

No segundo caso, preparação para o mundo da escola, a Educação Física respondeu a necessidade de dotar essas mesmas crianças, oriundas dos meios populares (campesinato e operariado) que passavam a ter acesso à escola, de comportamento compatíveis com as normas racionalizadas da instituição escolar.

Ao mesmo tempo, pretendia desvencilhá-la de traços próprios de seu meio (hábitos higiênicos, representação do tempo e do espaço, por exemplo). Assim segundo Nogueira (1990, p. 168) citado por Vago (ibid, p. 20), “a Educação Física tratava, então, de disciplinar e aculturar⁴ ao universo escolar as primeiras gerações de crianças provenientes dos meios populares, com suas práticas racionalizadas de exercícios.”

A Educação Física vai incorporar e ser forjada por um entendimento de corpo próprio da modernidade, que colocava o corpo no âmbito da natureza (é a natureza em nós) e que o considerava uma máquina passível de ser conhecida no seu funcionamento pelo método científico e, portanto, controlada e/ou aperfeiçoada.

Bracht (op. Cit, p. 71) afirma:

Tenho aos poucos construído a hipótese de que é em essência esse modelo, esse entendimento que tem sustentado a Educação Física no currículo escolar, nesses últimos duzentos e poucos anos, embora apresente situadamente pequenas modificações ou variações, algumas delas relativas a questões mais eminentemente de Estado, por exemplo, nos momentos em que tivemos Estados Nacionalistas autoritários, que instrumentalizavam a Educação Física mais diretamente na direção da exaltação do nacionalismo, ou então durante a guerra fria, em que a Educação

⁴ Segundo Celso Pedro Luft, autor do Mini Dicionário Luft, da editora Scipione, de 1991, aculturação é o processo de transferência de elementos culturais decorrentes do contato direto e contínuo entre grupos de culturas diferentes.

Física foi considerada a base da pirâmide esportiva para promover as equipes nacionais.

Bracht apresenta ainda alguns argumentos que buscavam justificar a relevância da Educação Física:

Primeiramente, a **importância da aptidão física** para a produtividade no trabalho, ou seja, a Educação Física era vista como uma forma de garantir a produtividade do trabalhador, da população como um todo, produtividade do Estado Nacional, da comunidade. Para aumentar o bem-estar comum, era preciso uma população sadia. Como o trabalho exigia muito esforço físico, a Educação Física poderia ser uma preparação para o trabalho.

Outro aspecto a considerar, diz respeito à relação do Estado com as **questões da saúde**. O Estado Nacional passa a ser entendido como o grande responsável pela promoção da saúde da população. Responsabilidade que vai ser acentuada, principalmente a partir da idéia do Estado do Bem-Estar Social (o Welfare State), que criou, na década de 60, as campanhas do Esporte para Todos, como forma de diminuir os custos do sistema de saúde.

Como terceiro elemento, o autor coloca a **predominância da visão médica do corpo**, o corpo como máquina, assim como tratado pela Medicina e o conceito de saúde ligado a esse entendimento.

Como quarto elemento temos a idéia do **trabalho como dever**, isto é, a partir da ética do trabalho como uma ética fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, a população tinha que assumir a idéia de que o que realiza o homem é o trabalho, sendo o **lazer mera recompensa**. O lazer aparece como referência

apenas numa visão moralista, de ocupação saudável do tempo ocioso, ou seja, o lazer é digno porque é coadjuvante do trabalho.

E mais recentemente, o próprio **esporte** em função da legitimidade social e relevância política que alcançou, vai acabar tornando-se sustentador da importância da Educação Física, como é possível observar nas considerações que Vago (1995, p. 20), acrescenta: “Após a II Guerra, a Educação Física incorporou um novo determinante para o seu ensino, o esporte. Isso ocorreu em consequência de uma expansão de proporções mundiais experimentadas pelo esporte”.

Essa expansão, por sua vez, pode ser explicada, a grosso modo, pelo desenvolvimento do sistema capitalista de produção que encontra no esporte vastas possibilidades de se reproduzir. A transformação do esporte em mercadoria (efeito econômico) e a exaltação de características de rendimento, de competição, de vitória, como sendo naturais e desejáveis (efeito ideológico), podem exemplificar essas possibilidades.

Portanto, de forma geral, essa é a trama que legitima a Educação Física, ou melhor, a educação do corpo que inicialmente era concretizada pela ginástica e que, aos poucos vai incorporar o próprio esporte.

O que encontramos na maioria das escolas, durante as aulas de Educação Física é o trabalho com o esporte, e é por isso que atualmente a Educação Física é considerada sinônimo de esporte. A mídia promove a construção de valores por meio do esporte, como se esse fosse o único conteúdo a ser ministrado pela Educação Física. Se os professores, ao passarem pela graduação, pelo processo de formação profissional vivenciam diversas outras práticas corporais, que não apenas o esporte, porque insistem em transmitir apenas esse conteúdo aos alunos/as? Seria

porque é mais fácil apenas soltar uma bola para os alunos em quadra, ao invés de buscar um conteúdo diferenciado?

Contudo, Bracht (2000) afirma que em relação aos pontos citados anteriormente, os quais se referem às bases de sustentação do modelo que legitimava a Educação Física na escola, mudanças significativas estão ocorrendo. São elas:

A aptidão física já não é mais determinante para a produtividade no trabalho. O que se precisa, no atual processo produtivo ou no setor de serviços, é diminuir o stress psíquico do trabalho por meio de uma ginástica de pausa ou algo semelhante. Um alto grau de aptidão física não é mais necessário para apertar botões.

O conceito de saúde está se reformulando, e está longe de resumir-se ao bem estar do corpo biológico ou à integridade biológica do corpo humano. Com isso, a contribuição da Educação Física se relativiza, não que desapareça, mas ela se dilui num conjunto complexo de fatores que contribuem para a saúde. Com isso ela perde a centralidade. Um indicador é o fato de, no currículo escolar, a saúde ser considerada um tema transversal.

Atualmente o corpo não está mais sendo considerado apenas no aspecto biológico, uma mudança no status ontológico e epistemológico⁵ do corpo vem ocorrendo. De acordo com o autor, o corpo é redescoberto ou descoberto como sujeito histórico, no sentido do reconhecimento de sua importância para entender o processo histórico. As ações sobre o corpo são importantes para se entender o

⁵ Epistemologia: estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências já constituídas e que visa a determinar os fundamentos lógicos, o valor e o alcance objetivo delas. Ontologia: parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 1986, Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira. 2ª edição.

processo histórico. A história do homem é também uma história do controle do corpo, das ações sobre ele.

Outro aspecto importante, segundo Bracht (2001), é o reconhecimento da importância ontológica do corpo, portanto, para o entendimento do próprio homem, recuperando, assim, para a sensibilidade, para a dimensão sensível ou estética, prestígio em frente à razão.

O corpo, que sempre foi hierarquicamente secundarizado diante da razão, parece começar a recuperar uma certa dignidade ontológica. A dimensão corpórea do homem não é menos importante que a dimensão racional.

Essa redescoberta do corpo ou ressignificação do corpo não representa a redenção da Educação Física, pois se o que se busca é a superação da oposição saber x fazer, corpo x mente, não se pode justificar a Educação Física por ela tratar do corpo, já que o que se busca é trabalhar com uma visão de corpo que não é a de corpo biológico.

O autor enfatiza ainda a questão do trabalho, que está sendo considerado um dever destituído de prazer, (o prazer é a recompensa). Atualmente essa visão do trabalho convive com a idéia de que o lazer, isto é, a cultura criada, vivenciada, fruída no tempo livre é tão importante quanto o trabalho.

Tendo sido o trabalho como dever, direta ou indiretamente, a referência do modelo que sustentava a Educação Física, a perda desse caráter à afeta. O problema é que, quando a referência passa a ser o lazer na perspectiva conservadora ou liberal-burguesa, ele se refere a uma esfera de consumo, há um espaço para o exercício da (pseudo) liberdade individual para fazer opções, portanto, cai no espaço do privado.

Quanto ao esporte, que se legitimava socialmente pela contribuição que se dizia ter para a saúde e para a educação, hoje não precisa mais fazer esse discurso. Sua base de legitimação deslocou-se para sua importância econômica. Ele pode abdicar do discurso da saúde e da educação, porque se torna cada vez mais difícil para o esporte sustentar o discurso saúde, já que o esporte de alto rendimento é hoje, um problema relacionado com a saúde e não fator de sua promoção. Na medida em que o sistema esportivo muda o seu discurso, ele afeta a Educação Física, porque a Educação Física nele se sustentava a partir do trinômio esporte-educação-saúde.

De acordo com Bracht (2001) essas mudanças explicam, em parte, porque, para o projeto liberal-burguês de educação, a Educação Física (moderna) perde importância. O neotecnicismo do projeto liberal-burguês enfatiza de forma pragmática a preparação para o trabalho. Se o mesmo tem como foco as novas tecnologias do trabalho e a flexibilização das relações de trabalho que exigem um sujeito que se adapte rapidamente às novas exigências tecnológicas, e as relações de trabalho, que são capacidades fundamentalmente de caráter intelectual, por que desperdiçar tempo com a Educação Física no currículo oficial básico?

Segundo o autor, é muito mais vantajoso oferecer as práticas corporais como serviços pelas escolinhas em um horário extra, como opção de consumo. O oferecimento dessas atividades complementares, no entanto, segue a lógica do mercado: há oferecimento enquanto houver consumo.

O lazer também é uma questão privada dentro dessa concepção. Além disso, o lazer é a recompensa e espaço de consumo na ótica do capital, para o qual o consumidor não precisa ser educado, pois o consumidor precisa ser seduzido por

meio de formas mais eficientes e econômicas do que manter a Educação Física na escola.

Bracht (2001) questiona então: Quais seriam as possibilidades da Educação Física? A crescente importância do tempo do não trabalho na vida das pessoas. O lazer compartilha hoje com o trabalho, muito mais do que anteriormente ou até a década de 60 do século XX. Os fatores de determinação da identidade das pessoas assumem cada vez mais importância em suas vidas. Isso significa dizer que as pessoas estão cada vez mais identificadas também com o que elas fazem na esfera do lazer, passando este a ser um componente importante na construção das identidades.

Para uma teoria crítica da educação, isso significa que as possibilidades ou não do exercício da cidadania também passam pela esfera do lazer. Se cresce a importância desse espaço ou do lazer na vida das pessoas e da sociedade como um todo, cresce também a importância de uma visão e ação críticas para a construção de uma cidadania plena.

Dessa forma, a Educação Física seria responsável por introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal de movimento de maneira que nele eles possam agir de forma autônoma e crítica. Nessa esfera ocorre o controle social via construção de subjetividades, de práticas, conforme os valores básicos dessa ordem social. Na medida em que cresce a importância econômica, social e cultural desse espaço, cresce a importância do controle via essas práticas e isso tem uma importância grande para uma educação que se diz, que se pretende crítica.

É preciso considerar a educação estética ou da sensibilidade como elemento importante do que poderíamos chamar de criticidade, quer dizer, a idéia de criticidade é uma idéia muito fortemente centrada na idéia da razão, ou da

racionalidade como uma dimensão intelectual. Isso significa que a recuperação do corpo como sujeito pode fazer com que reformulemos o conceito de criticidade, ampliemos o conceito de razão, englobando as dimensões estéticas e éticas.

A atual hegemonia do conhecimento científico na escola precisa ser flexibilizada para permitir que outros saberes se legitimem. Somente na medida em que se reconhecem como legítimos outros saberes que não os de caráter conceitual ou intelectual é que temos a chance de nos afirmarmos no currículo escolar. Marcílio Souza Júnior (1999, p. 87), considera que

a função de um componente curricular na escola é oferecer ao aluno uma reflexão acerca de um corpo de conhecimentos específicos e que venha a integrar-se, no conjunto de todos os componentes, assumindo responsabilidade com a formação humana.

O autor apresenta que ao longo da história da educação e da própria Educação Física, tanto em âmbito geral como no Brasil, a Educação Física vem assumindo atribuições que a caracterizam como o componente curricular responsável pela educação das questões afetas ao corpo (ensino do fazer). Essas atribuições tornam-se polêmicas, quando o entendimento de Educação Física a exime de uma educação dita intelectual (ensino do saber), ou seja, a Educação Física assume a função de desenvolver e aprimorar o físico, seja em caráter mais antigo de preparação para a guerra, seja num sentido mais moderno de aquisição de aptidões atléticas.

Atualmente, salienta ele que é possível perceber algumas formas de abordar/tratar os conteúdos de ensino na prática pedagógica da Educação Física, que permitem interpretá-la como um componente curricular sem exigências e

necessidades de oferecer aos alunos o exercício da sistematização e da compreensão do conhecimento, responsabilizando-a pelo “mero” fazer, executar, agir, praticar, como se estes pudessem ser destituídos do saber, conhecer, do pensar, do refletir, do teorizar, ou vice-versa, ou seja, formas que permitem identificar a Educação Física como um “não-componente” curricular.

Na melhor das hipóteses, a Educação Física é um “curinga curricular”, pois suas aulas são tomadas, negligenciadas em função de outras atividades curriculares, por exemplo, e utilizadas para festividades de datas comemorativas.

O que acontece muito também é quando os professores/as de outras disciplinas procuram se utilizar das aulas de Educação Física, para deixar os alunos/as em sala terminando tarefas atrasadas ou não cumpridas, quando os mesmo não apresentam um bom comportamento nas aulas, ou seja, deixar o aluno/a sem participar da aula de Educação Física como forma de castigo/punição, e ainda quando estão com o conteúdo atrasado com determinada turma. Diante disso questionamos: Onde se encontra o valor da Educação Física? Qual a sua relevância na escola?

Há situações também que levam à Educação Física uma caracterização de “interferência curricular”, por exemplo, no esforço de, no horário escolar, encaixar as aulas de Educação Física de maneira que atrapalhe o mínimo possível os componentes curriculares que exigem “concentração intelectual”.

Souza Júnior (op. cit), em sua pesquisa constatou que, no que se refere à seleção, a organização e a sistematização dos conteúdos de ensino, a prática pedagógica dos professores de Educação Física da escola investigada, apresentou-se na forma de dois pólos distintos.

De acordo com o autor num pólo se reconhecem elementos que indicam um grau de aproximação da compreensão de que a Educação Física é um componente curricular caracterizado como algo à parte na escola, como uma atividade, no sentido restrito e mecânico do termo, e como algo desconfigurado / desprestigiado diante da função da educação escolar.

Num outro pólo, evidencia-se um esforço por distanciar-se de tal compreensão de Educação Física, procurando reconhecer sua contribuição para a formação / reflexão pedagógica do aluno.

Assim, segundo Souza Júnior, a prática pedagógica desses professores apresenta-se numa situação ora de conformação, consentimento, ora de construção de consensos realizados pela mediação, com o entendimento de Educação Física como mera executora de tarefas, possuindo a conotação de um “fazer destituído de um saber”, ora de discordância, dissenso, resistência a essa compreensão, procurando estabelecer uma Educação Física capaz de oferecer aos alunos o exercício da sistematização e da compreensão do conhecimento, ou seja, um fazer crítico-reflexivo.

O autor relata que, no primeiro pólo em que a Educação Física é compreendida como uma simples exercitação prático-corporal, ou seja, um fazer por fazer, é possível verificar que os conteúdos de ensino são frutos de uma seleção realizada fora da realidade escolar, mesmo estando voltada para ela. Os conteúdos trabalhados em aula advêm de um conhecimento denominado Cultura Corporal, este reconhecimento se efetiva por meio da utilização de propostas curriculares de cunho governamental.

Assim, esse entendimento traz o professor para uma compreensão de currículo em que se considera que o saber escolar é algo fruto de um conhecimento

universal e legítimo, pois apesar de os conteúdos advirem de orientações curriculares, sendo estas voltadas para a escola, o professor acredita que existem estudiosos que pensaram tais propostas com base em conhecimentos universais que devem ser transmitidos a todos.

Segundo Souza Júnior, o planejamento, quando existe explicitamente escrito ou até mesmo quando é demonstrado nos primeiros minutos das aulas, não traz uma organização mais sistemática dos conteúdos, pois, em vários momentos, não são evidenciados conteúdos / jogos que haviam sido previstos.

Ele afirma que, o fato de não cumprir o conteúdo previsto não é um problema em si, o grande problema está no não cumprimento da programação diante dos interesses pessoais dos alunos, especificamente de um ou outro aluno.

E, ao invés de cumprir sua inicial aproximação com a responsabilidade de transmitir o conhecimento universal, a tradição cultural consagrada, o professor apresenta uma aleatoriedade para escolher os conteúdos, apesar de estes serem frutos, em primeira instância, de consultas às propostas curriculares.

Essa situação indicaria um avanço, se tais conteúdos aparecessem em caráter de extrapolação e contextualização dos assuntos delimitados para as aulas. Porém, o que acontece é uma substituição, gerando esquecimento do que havia sido programado, ou ainda é uma forma de afirmar que se trabalha algo de importante para os alunos, tornando-se o próprio conteúdo da aula.

De acordo com o autor, nas aulas de Educação Física que se aproximam do primeiro pólo, predominam as manifestações verbais do professor que incidem no sistema de valores dos alunos, em detrimento do trato com conhecimentos e conteúdos específicos que poderiam viabilizar a ampliação da compreensão da realidade social complexa e contraditória acerca da cultura corporal.

Com isso, a caracterização que assumem as aulas de Educação Física, perante esse pólo, é de inexistência, de negação de conteúdos e conhecimentos aos alunos, portanto, de uma identificação que não merece reconhecimento como componente curricular. Segundo Souza Júnior, (ibid, p. 90, grifo no original) para

superar uma Educação Física que vem se caracterizando, ao longo da história, como um mero “fazer prático destituído de uma reflexão teórica”, acredito que se deve assumir a responsabilidade de oferecer aos alunos o exercício da sistematização e da compreensão acerca de um corpo de conhecimentos específicos diante da organização curricular.

Para o autor, as atividades, tarefas, responsabilidades dos alunos não são simplesmente correr, brincar, jogar, exercitar. Esse fazer se configura como procedimentos imprescindíveis para se refletir criticamente sobre o conhecimento trazido por um determinado elemento da cultura corporal, compreendendo-o conceitualmente.

Os conteúdos de ensino da Educação Física escolar não devem mais permanecer a reboque dos princípios e códigos de outras instituições, devem ser sistematizados diante de suas peculiaridades.

A seleção, a organização e a sistematização dos conteúdos devem favorecer ao aluno o acesso a uma dimensão da cultura humana de forma mais reflexiva e elaborada, inclusive a partir de sua experimentação corporal.

Souza Júnior (ibid, p. 88), reconhece que:

a atividade teórica (o saber) só existe a partir e em função de uma atividade prática (o fazer), afirmo, a partir deste estudo, que a ação pedagógica da Educação Física deve, inclusive por meio de experimentações corporais, favorecer a sistematização de percepções, representações e conceitos elementares trazidos pelos alunos em direção a elaborações de explicações, generalizações, sínteses cada vez mais conscientes e consistentes perante um determinado campo científico.

Diante de toda essa questão apresentada, da Educação Física ser ou não considerada um componente curricular, de sua relevância como disciplina escolar e de ser considerada ponto fundamental na contribuição da formação humana, afirmamos que sim, que a Educação Física é realmente um componente curricular de grande importância na escola e que por isso a mesma deve ser valorizada e respeitada. Esse respeito e esse valor devem partir de todo o seio escolar, professores/as, alunos/as, funcionários/as, comunidade, de forma que não compreendam a Educação Física apenas como uma prática corporal, como um simples fazer, mas que seja considerada em sua totalidade, cientes da contribuição física, mental e social que a mesma concede aos alunos/as durante a trajetória escolar, ou seja, a Educação Física é isso, uma formação para a vida!

4 – FIM DE AULA, O QUE NÓS APRENDEMOS HOJE?

A primeira pergunta do questionário aplicado aos alunos e alunas, referia-se à escola. Nosso objetivo era verificar o que os alunos pensam da escola, ou seja, para eles/as para que ela serve?

Após a análise de todos os questionários, verificamos que os alunos/as consideram a escola um local de aprendizado, no qual possuem a oportunidade de adquirir novos conhecimentos, fato que os tornariam indivíduos preparados para o mercado de trabalho, tendo então, a possibilidade de um futuro melhor.

Assim, pode-se perceber que os alunos valorizam a escola pela oportunidade que a mesma os concede de adquirir conhecimentos, de aprender, ou seja, eles a consideram um meio de preparação, muito mais voltado para a questão profissional, de uma formação para o mercado de trabalho do que de uma formação integral do sujeito, uma formação para a vida.

Vale a pena repetir tais questões: o que é a escola e para que ela serve? Nereide Saviani afirma que:

desde as colocações mais simples do senso comum até as mais elaboradas formulações (teóricas, filosóficas, políticas) quando se referem à escola, sempre a concebem como o lugar onde se aprende e se ensina algum tipo de saber, de conhecimento (1998, p. 1).

Jean-Claude Forquin (1993) relaciona a escola com educação e com cultura, e considera a comunicação, a transmissão, a aquisição de algo, ou seja, conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, constituintes do que chama de “conteúdo” da educação e que também pode ser denominado cultura.

Voltaremos esta conclusão para a possibilidade da escola contribuir para uma formação humana total, ou seja, não relacionar a escola ou a importância da mesma apenas com o sucesso profissional, mas relacioná-la com uma formação para a vida.

Uma das alunas afirmou que a escola serve para:

Nos ensinar valores, construir pessoas honestas e trabalhadoras (Geovana)⁶.

Nas palavras da aluna, é possível verificar que a mesma considera a escola um meio de preparação do indivíduo, tanto para o mercado de trabalho, ao colocar “construir pessoas trabalhadoras”, quanto para a vida ao colocar: “construir pessoas honestas e o ensino de valores”.

Aqui já é possível verificar uma importância a mais para a escola, qual seja, a formação de valores, que deve se dar durante as aulas seja na relação professor/a–aluno/a ou aluno/a–aluno/a.

O termo “construir” utilizado pela aluna dá uma idéia de que é a escola que forma o aluno em sua plenitude, como se a única contribuição para a formação do aluno/a fosse a escola. Pelo contrário, a escola auxilia nessa formação, pois boa parte da formação humana do aluno/a provém também dos meios familiar e social nos quais o mesmo está inserido. A formação total dos sujeitos, então, se dará com a junção destas realidades, o meio familiar, o social e o escolar.

⁶ Os nomes de todos os alunos e alunas entrevistados, assim como da professora são fictícios, com a intenção de preservar a identidade destes sujeitos.

A primeira pergunta do questionário aplicado à professora de Educação Física da oitava série C, com o nome fictício de Marisa foi a seguinte: para você, qual a função da escola? A resposta obtida foi a de que a escola serve para

Formar cidadãos críticos, conscientes e “transformadores”. (Marisa)

Se a preocupação do aluno/a está em aprender para trabalhar e ter um futuro melhor e se a preocupação da professora é com a formação de cidadãos críticos, conscientes e transformadores, qual seria então a função da escola?

Não seria o de “construir” sujeitos aptos ao mercado de trabalho, aptos à mão de obra? Ou seria a formação de sujeitos conscientes quanto ao trabalho que realizam, conscientes quanto aos direitos e deveres que possuem, críticos quanto ao que é certo ou errado, capazes de analisar as situações e refletirem a partir delas e transformadores, para agirem a partir de suas reflexões?

Diante disso, o que a escola deve ensinar para que os alunos possam se tornar sujeitos críticos, conscientes e transformadores? Que disciplinas, que conteúdos devem ser trabalhados para contribuir com essa formação para a vida dos alunos/as?

Faz-se necessário, portanto, considerar o meio no qual a escola está inserida, quem são os sujeitos que freqüentam a escola, e em qual contexto social estes estão inseridos e a partir disto verificar o que seria ou não relevante para a formação humana desses alunos/as.

Assim, é possível apresentar o que Tarcísio Mauro Vago considera da escola:

isso implica superar a percepção de escola em uma posição de reprodução linear e mecânica de tudo o que se lhe impõem de fora para dentro. Ao mesmo tempo exige investigar o duplo movimento entre as práticas educativas e outras práticas sociais, cuja natureza não parece ser nem a de reprodução pura e simples nem tampouco a de oposição: trata-se, parece-nos, de uma relação de tensão permanente entre elas (2003, p. 201).

A escola também possui como função contribuir para a formação humana de alunos e alunas, não apenas trabalhando com o repasse de informações, mas procurando valorizar os conteúdos trabalhados, procurando fazer com que o aluno/a realmente se envolva com o que está sendo proposto, compreenda, reflita e realmente assimile o que a escola procura lhe transmitir. Que ele saiba a importância de que aquilo que ele aprende na escola realmente possa contribuir para seu futuro, não apenas no âmbito do trabalho, mas uma contribuição para a vida, para as relações que futuramente estarão estabelecendo.

Pois como afirma Jean-Claude Forquin (1993, p. 10) o termo educação num sentido mais amplo é considerado um meio de formação e socialização do indivíduo, tendo a escola a função de transmissão cultural, sendo esta, então, um espaço de educação (formação do indivíduo) e cultura.

Para falarmos da questão das disciplinas, iremos considerar duas respostas, ambos da oitava série C.

A [disciplina] que eu mais gosto é português, porque para tudo é preciso saber português, e não gosto de história, porque dá sono (Vanessa);

Para mim eu gosto de todas porque gostando ou não devemos nos empenhar e se passamos de ano e porque nos dedicamos a matéria que menos gostamos porque ninguém reprova por não gostar da disciplina (Jair);

A língua portuguesa como um componente curricular obrigatório se faz pertinente, exemplo de uma disciplina que está diretamente relacionada com o contexto dos alunos/as, pois é a língua falada no Brasil, portanto, o aprendizado da mesma como coloca a aluna se faz necessário para tudo.

Em contrapartida, quando ela coloca que a disciplina de história dá sono, se faz possível pensarmos que talvez os assuntos trabalhados em aula, não sejam abordados de forma tão interessante, a ponto dos alunos e alunas sentirem sono.

Será que essa disciplina que é considerada maçante, pela quantidade de informações apresentadas e por sempre ser abordada de forma teórica não poderia estar sendo lecionada de uma forma que fosse mais atrativa para os alunos/as, com os conteúdos sendo resgatados e relacionados com os fatos da realidade dos mesmos? Estar envolvendo os alunos/as nos assuntos que são repassados não seria uma forma de tornar os conteúdos mais atrativos?

De acordo com Saviani (1998), na realidade a escola define o conteúdo do ensino, organizando nele os conhecimentos de uma forma toda peculiar, e as disciplinas são esses modos de transmissão cultural que se dirigem aos alunos.

Por outro lado, Jair afirmou que gosta de todas as disciplinas, e que independente de gostar ou não de determinada disciplina é preciso estudar para poder passar de ano.

Nesta passagem fica clara a questão da obrigação do aluno/a ter que se dedicar àquilo que não lhe agrada, estudar o que não gosta. Dessa realidade não dá para fugir, sempre haverá um aluno/a que não gosta de determinada disciplina, mas o importante é que os professores possam perceber o interesse e o desinteresse dos alunos/as para com a disciplina, com os conteúdos abordados e assim tentar uma mudança para que estes se tornem mais participativos, para que eles possam

se envolver com o conteúdo e realmente assimilar o que se está sendo repassado, pois só conseguimos de fato aprender aquilo que vivenciamos, que sentimos, que praticamos e não só o que ouvimos.

Sendo assim, Saviani (1998) considera que a educação deve ser entendida como um processo de conscientização, que valoriza a relação dialógica, a formação da consciência crítica, a desmistificação do saber, a ênfase nos processos de produção do conhecimento, mais que no produto e uma flexibilidade metodológica que permita ao aluno questionar o conhecimento e encontrar respostas a partir de suas próprias vivências.

Ainda com relação à questão de conteúdo, perguntamos para a professora de que forma é feita a escolha dos conteúdos da Educação Física. A resposta obtida foi:

Seguimos as diretrizes curriculares, adaptadas a realidade da escola (Marisa).

De qual realidade a professora vem falar? Aquela que se refere apenas ao espaço físico e aos materiais ou a dos alunos/as e o meio no qual vivem. Será que os alunos/as possuem o direito de opinar, será que realmente existe um diálogo da professora com os alunos/as para saber o que eles gostariam ou não de aprender?

A maioria das respostas da terceira - o que é Educação Física para você? – e da quarta - para que serve a Educação Física na escola? - questões afirmam que a Educação Física é uma disciplina que faz movimentar, que faz bem para o corpo, para a saúde, que é um momento de interatividade com as pessoas, um momento

para tomar amor pelo esporte, um momento de lazer, de aprender a jogar, de preparação física, de diversão, de praticar esporte.

Abaixo algumas considerações dos alunos/as, as quais julgamos interessantes:

É uma forma de aprender sobre os esportes em geral, ou seja, é o estudo dos esportes (Ana);

A educação física pra mim é mais que saúde também é educação (Jair);

Uma disciplina que ensina esporte (José);

A Educação Física é compreendida pelos alunos/as como uma educação do físico, uma prática de atividade física, de exercícios físicos com vistas à obtenção de saúde e qualidade de vida. É, além disso, considerada um momento de lazer, de diversão, uma disciplina que ensina o esporte, responsável pelo estudo dos esportes.

Essa pesquisa foi realizada com alunos/as de oitava série, ou seja, são adolescentes que já estão há oitos anos na escola, no ensino fundamental, portanto, desde a primeira série do ensino fundamental já possuem o contato com a Educação Física, mesmo que no primário esse contato não seja com um professor de Educação Física, mas já estão de certa forma aptos para dizer o que entendem por Educação Física e para que ela serve, pois no primário alguma prática corporal subtendida como educação física eles tiveram.

Mas devido a isso, consideremos então, o que eles aprenderam a partir da quinta série do ensino fundamental, momento no qual eles realmente passam a ter uma aula de Educação Física ministrada por um professor de Educação Física. Nestes quatro anos finais do ensino fundamental que conteúdos estes alunos

tiveram? Pelas respostas, podemos deduzir que as aulas desses alunos e alunas foram restringidas ao ensino do esporte, e é por isso que eles afirmam que a Educação Física é uma disciplina que ensina esporte e que a Educação Física é o estudo dos esportes.

Mas será que é só para isso que a Educação Física está presente na escola? Será que a Educação Física é só jogar bola, praticar esportes, descansar e se distrair e com isso obter saúde? Acreditamos que não.

Gabriel Cachorro afirma que:

A educação física é parte da cultura escolar, está nela inscrita e contida como a área encarregada de trabalhar sobre o corpo de maneira explícita, pronunciando-se como “uma educação corporal ou educação pelo movimento comprometida com a construção e conquista da disponibilidade corporal, sínteses da disposição pessoal para a ação em interação com o meio natural e social”. O trabalho educativo sobre o corpo não é exclusivo da educação física. Há na escola um tratamento implícito do corpo, não tão declarado de maneira franca e aberta. A educação corporal está articulada com outras práticas, muitas vezes semi-ocultas; a modelagem do corpo se estende em cada interstício da arquitetura escolar, ocorre na aula, no pátio, no banho, nas salas de professores tratando de abarcar e ter sob controle o corpo dos sujeitos em cada canto do espaço escolar (2003, p. 223 – 224, grifo no original).

Conforme as palavras do autor, compreende-se que o movimento, considerado exclusividade da Educação Física não se faz pertinente ou se refere somente à ela, o movimento humano está presente também nas outras disciplinas escolares, no espaço escolar, enfim, está diretamente relacionado com a cultura da escola.

Cachorro considera também que se faz imprescindível ver a Educação Física não apenas nas práticas que são declaradas e assumidas como próprias desta área, mas também perceber e incluir nas análises aquelas práticas de tratamento corporal que não são padronizadas, mas que também incidem na formação corporal dos sujeitos nelas envolvidos.

Dessa forma, o autor afirma ainda que se faz possível ampliar as leituras sobre a disciplina de educação física realizada na cultura escolar, realizando um registro que a contemple em relação a problemáticas corporais que com ela se estabelecem.

Segundo Cachorro (2003, p. 224), “nesta particular observação da cultura escolar, educação física e problemáticas corporais configuram-se como processos sociais solapados não tão visíveis a um olhar superficial de um observador”.

Assim, Cachorro considera que analisar a cultura escolar e, nela, a educação física é propor se ver as mútuas influências entre os dois conceitos expressos na vida cotidiana da instituição educativa, investigando as redes de relações que configuram processos sociais incrustados no corpo de alunos, em uma escala de percepção não tão discernível, com sentidos e significados sociais que exigem análise.

Esses processos sociais, com sentidos e significados materializados no corpo dos estudantes, a que um investigador pode reportar, são recortes analíticos da realidade que surgem de nosso particular posicionamento, com base no qual contemplamos nosso objeto de estudo e damos conta de uma dimensão possível da realidade.

Para a professora Marisa, na escola, a Educação Física é

uma disciplina que objetiva desenvolver toda uma reflexão sobre as práticas corporais relacionando-as e considerando seus aspectos técnicos, táticos, históricos, sociais, políticos e culturais (Marisa).

E quando perguntamos para que serve a Educação Física na escola, a mesma afirmou que

Dentro de todo um contexto “formador”, a Educação Física é uma das partes que contribuí na formação de conceitos ligados a prática de atividades físicas, área da saúde, ludicidade e afetividade (Marisa, grifo no original).

Na quinta questão, quando perguntamos o que os alunos/as mais gostam e o que menos gostam nas aulas de Educação Física, as respostas que nos chamaram mais a atenção foram as seguintes:

Eu gosto das aulas práticas, não gosto muito das teóricas, porém, as faço (Débora);

O que eu mais gosto é de voley e handebol e o que eu menos gosto é quando tem aula teórica ou quando atrapalham a aula de educação física (Carla);

Gosto mais de jogar jogos e menos gosto na hora de ficar na sala escrevendo (Paula);

Na maioria das respostas, a relação teoria–prática foi salientada, ou seja, eles gostam de aulas práticas e não gostam de aulas teóricas, afinal para eles, aula de Educação Física deve ser realizada na quadra, ao ar livre, para jogar bola e se movimentar e para isso não há a necessidade de uma aula teórica.

Para a professora Marisa, perguntamos quais os conteúdos mais importantes no ensino da Educação Física, e a mesma respondeu que,

Não existe conteúdo mais importante. Todos têm sua importância e contribuição na formação do aluno (Marisa, grifo no original).

Dos conteúdos que os alunos/as citam, os que mais gostam e os que menos gostam, percebe-se que estes giram em torno dos conteúdos que eles

vivenciam nas aulas diárias de Educação Física, o que foi possível notar a partir das observações das aulas.

Durante as aulas observadas, os conteúdos trabalhados foram o xadrez e o tênis de mesa (ping-pong). Os alunos/as que se interessavam pelo xadrez, jogavam xadrez e os que se interessavam pelo tênis de mesa, ficavam jogando tênis de mesa, e os que preferiam ficar sentados conversando ou passeando pela escola também o faziam. Uma das quadras da escola estava em reforma, mas mesmo assim, havia uma outra quadra não muito grande que os alunos/as utilizavam para jogar futebol e basquete e um outro pátio no qual eles/as também jogavam vôlei.

Esta escola possui duas professoras de Educação Física no turno da manhã, horário no qual realizaram-se as observações e os questionários foram aplicados. Por isso, a utilização da quadra por uma ou outra professora funciona por meio de uma escala de dias e horários. Nos dias de observação, a quadra não iria pertencer aos alunos e alunas da 8ª C, mas sim aos demais aluno/as de outras séries.

Novamente constatamos que os conteúdos mais trabalhados na escola, especificamente nesta são, o futebol, o handebol, o vôlei e o basquete, além do xadrez e do tênis de mesa.

Com relação aos conteúdos, duas respostas se sobressaíram, a primeira é:

Eu gosto de tudo porque tudo é esporte (Jair);

Gosto do trabalho em grupo que exercemos durante as aulas. Neste ano, a falta de ensino, começamos o bimestre indo direto para o jogo, não tivemos aula de fundamentos, teórica, isso eu achei ruim (Diego);

Foi possível observar, que o conteúdo da Educação Física que predomina nesta escola é o esporte, a ponto do aluno afirmar que ele gosta de tudo o que é trabalhado porque tudo é esporte, ou seja, o trabalho gira em torno da prática esportiva.

Além disso, o aluno Diego afirmou que neste ano, eles foram direto para o jogo, não tiveram nada que fundamentasse a prática que eles estariam realizando na quadra, como uma aula teórica, os fundamentos, as técnicas, as regras que é o que se costuma abordar quando se trabalha com o esporte.

Diante disso questionamos, o que estaria acontecendo com a nossa Educação Física? Ela se tornou sinônimo de esporte e mesmo assim este conteúdo não está sendo trabalhado como deveria, ou pelo menos como os alunos/as acham que deveria.

Onde se encontra a vez do aluno/a para expor sua opinião quanto ao que ele gostaria de estar aprendendo, algo que ele considere relevante para sua formação, para sua vida? O diálogo entre professor/a–aluno/a não seria o primeiro passo para se realizar uma educação Física que não seja só movimento, que não seja só o fazer pelo fazer, só o momento de lazer e distração, de “melhorar a saúde”, mas que os conteúdos que os alunos/as vivenciem realmente contribuam com a formação do mesmos/as, senão não há o porque da Educação Física estar inserida numa escola.

Para finalizar o questionário perguntamos aos alunos/as qual o conteúdo que eles gostariam que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física. Os conteúdos descritos pelos alunos/as foram os seguintes: dança, música, ginástica artística, ginástica rítmica, natação, gincanas de conhecimento, peteca, handebol,

beisebol, vôlei, malabares, teatro, dança, ginástica, mais futebol e golf, atletismo, teatro;

Nas respostas dos alunos/as eles propõem algumas atividades curiosas como o beisebol, o golf, a natação, sendo que esta última, para aquela realidade encontra-se totalmente fora de questão e ainda o teatro, a dança, a música e o malabares.

Estes conteúdos poderiam estar de alguma forma sendo trabalhados pela professora, é claro que como ela mesma cita anteriormente adaptando-os à realidade da escola. O vôlei, o basquete, o futebol e o handebol ainda estão presentes, e com isso é possível perceber que os alunos gostam dos conteúdos tradicionais, mas que também gostariam de conhecer outros jogos, outras atividades, enfim, outras práticas corporais.

Sendo assim, o desejo de realizar um trabalho de conclusão de curso nesta área é porque realmente acredito na Educação Física, na escola e na importância de ambas com relação à formação humana dos indivíduos, não encarando a Educação Física como uma prática simplista, sem aceção, mas que realmente as práticas corporais e a presença do professor sejam carregadas de significados para a vida de crianças e jovens.

Não se pode negar, que a realidade nos apresenta muitas dificuldades e descontentamentos, tanto com a Educação Física, quanto com a escola, mas acredito na transformação, ciente das dificuldades e do longo período que se leve para que nossas aspirações se tornem fatos, e essa realidade que até então se encontra tão cinzenta possa se fazer colorida aos nossos olhos e aos olhos da sociedade como um todo.

É possível perceber ainda, que aos poucos as discussões em torno da Educação Física escolar passam a ganhar mais espaço no meio acadêmico. Apesar de serem discussões, que muitos julgam repetitivas e inconclusas, as mesmas são pertinentes e acabam revelando possibilidades de mudanças referentes às problemáticas da área.

Faz-se necessário também, que as discussões realizadas em torno da Educação Física escolar na Universidade possam chegar até as escolas, até os professores que atuam diretamente com a educação, mas que essa ação seja uma via de mão dupla, pois os mesmos também devem repensar sua prática e buscar junto à Universidade, por meio de pesquisas meios que esclareçam questões pertinentes a sua prática, pois como cita Paulo Freire (2002, p. 24), “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria / Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”.

E para finalizar esta pesquisa, toda essa discussão sobre a escola e a relevância da Educação Física neste meio, destaco aqui a resposta de um aluno, e aponto para o fato de que se ele pensa assim, considero que a Educação Física tem sua relevância na escola, que os alunos/as a consideram importante e é por isso que nós futuros professores/as devemos acreditar na profissão que escolhemos, para que dessa forma possamos ministrar um ensino com qualidade, que este venha regado a muito desejo e paixão como já foi dito e que assim possamos enriquecer nossas vidas e principalmente a vida dos alunos/as, contribuindo então, com a formação humana dos mesmos.

A educação física pra mim é mais que saúde também é educação (Jair);

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir**. 2ª ed. São Paulo: Papirus, 2001.

BRACHT, Valter. Saber e fazer pedagógicos: acerca da legitimidade da Educação Física como componente curricular. In: CAPARROZ, Francisco Eduardo (org.). **Educação Física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001.

CAPARROZ, Francisco Eduardo. Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física: “o que não pode ser que não é, o que não pode ser que não é”. In: BRACHT, Valter; CRISÓRIO, Ricardo (orgs.). **A Educação Física no Brasil e na Argentina: identidade, desafios, perspectivas**. Campinas: Autores Associados, 2003, p. 309-333.

CACHORRO, Gabriel. **Cultura Escolar e Educação Física: uma abordagem etnográfica**. In: BRACHT, Valter e CRISÓRIO, Ricardo (orgs.). A Educação Física no Brasil e na Argentina: Identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2003.

FORQUIN, Jean – Claude. **Escola e Cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOLANDA, Aurélio Buarque. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MARLI, André. **Etnografia da Prática Escolar**. 2ª ed. Campinas: Papirus, 1995.

MEDIANO, Zélia, LÜDKE, Menga. **Avaliação na Escola de 1º Grau: uma análise sociológica**. 4ª ed. São Paulo: Papirus, 1997.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 29ª ed. São Paulo: Autores Associados, 1995.

SANTOS, José Luiz. **O que é Cultura?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Luiz Heron (organizador). **Século XXI: qual conhecimento? qual currículo?** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio. **O Saber e o Fazer Pedagógicos da Educação Física na Cultura Escolar: o que é um componente curricular?** Recife: Edupe, 1999.

SAVIANI, Nereide. **Saber Escolar, Currículo e Didática:** problemas da unidade conteúdo / método no processo pedagógico. 2ª ed. São Paulo: Autores Associados, 1998.

VAGO, T. M. Educação Física Escolar: temos o que ensinar? **Revista Paulista de Educação Física.** São Paulo, supl. 1, p. 20-24, 18 ed., 1995.

ANEXOS

Questionários com perguntas referentes à escola e sua organização e à Educação Física, aplicados aos alunos, alunas e professora da oitava série C, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio do Bairro do Boqueirão da cidade de Curitiba-Pr. Os nomes atribuídos à professora e aos alunos e alunas são fictícios, com o intento de preservar a identidade dos mesmos/as.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: *feminino*

Idade: *14 anos*

1 – Para você, para que serve a escola?

Para adquirir conhecimentos e ter um futuro melhor.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Eu gosto de inglês e menos gosto de matemática.

3 – o que é Educação Física para você?

É muito importante para o corpo e para saúde.

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

Para se exercitar

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

gosto de handebol e não gosto de futebol.

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Dança

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: feminino

Idade: 14

1 – Para você, para que serve a escola?

Para aprender.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Inglês, história.

3 – O que é Educação Física para você?

melhor a saúde.

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

Para aprender a jogar.

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

O que eu mais gosto é de volei e menos gosto é de corrida.

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

natação.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: FEMININO

Idade: 14 ANOS

1 – Para você, para que serve a escola?

R: PARA ESTUDAR, CONHECER PESSOAS, ENTRELARGIR COM SOCIEDADE.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

R: AS QUE EU MAIS GOSTO SÃO: MATEMÁTICA, ARTES, ED. FÍSICA
AS QUE MENOS GOSTO SÃO: INGLÊS, PORTUGUÊS, HISTÓRIA, GEOGRAFIA

3 – O que é Educação Física para você? CIÊNCIAS.

R: É JOGAR FUTEBOL, VOLEI, DANÇAR, JOGAR BASQUETEBOL

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

R: PARA NOS EXERCITAR.

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

R: MAIS GOSTO DE JOGAR FUTEBOL, VOLEI
MEU GOSTO É DO CONTEÚDO

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

R: DANÇA, MÚSICA, GINÁSTICA ARTÍSTICA, GINÁSTICA RÍTMICA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: FEMININO

Idade: 14

1 - Para você, para que serve a escola?

Para ter mais conhecimentos gerais.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

→ Ed. Física, matemática
← Ciências, Português

3 - O que é Educação Física para você?

É um momento de interatividade com as pessoas e movimento do corpo

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para alongar o corpo e praticar esportes

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

→ as aulas práticas de Futebol, Basquete e Handebol
← as aulas teóricas e Tênis

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Gincanas de conhecimento

Geovana

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Feminino

Idade: 14

1 - Para você, para que serve a escola?

Para nos ensinar valores, para constituir pessoas honestas e trabalhadores.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

mais gosto: HISTÓRIA

menos gosto: PORTUGUÊS

3 - O que é Educação Física para você?

Uma disciplina que nos faz movimentar, faz ~~exercício~~ com que nos tornamos mais ativos pelo esporte.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para nos tirar da rotina da sala de aula, e nos fazer movimentar.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

mais gosto: Vôlei

menos gosto: cadeira

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

mais aula de vôlei.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: feminino.

Idade: 14.

1 - Para você, para que serve a escola?

Para as pessoas ter um futuro.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Mais gosta = Matemática.

menos gosta = Ciências.

3 - O que é Educação Física para você?

É uma forma de lazer, aprendendo
várias coisas sobre esportes.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para estimular as crianças a fazer exercícios
e para melhorar a saúde dos alunos.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

mais gosto = Vôlei.

menos gosto = Futebol.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

mais (vôlei) aulas de vôlei.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Feminino

Idade: 14

1 - Para você, para que serve a escola?

Para formar pessoas para o futuro,
para auxiliar na vida e pra expandir conhecimento.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

A que eu mais gosto é português, porque para tudo
eu preciso saber português, e não gosto de história, porque
dá sono.

3 - O que é Educação Física para você?

É uma matéria como outras qualquer,
só que na maioria das vezes agente não está na sala,
dá a impressão de um momento de lazer.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Serve para o corpo, porque é preciso ~~exercitar~~ o
fazer exercícios físicos e pra mudar de ambiente.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Eu gosto de fazer ginástica e não gosto muito de
ser golera e jogar ping-pong.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Eu gostaria de mais G.R.D, ginástica rítmica
desportiva e dança !!!

Costipm 8°C 09

Donde

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Feminino.

Idade: 14

1 – Para você, para que serve a escola?

para aprender mais sobre as coisas.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Educação Física

3 – o que é Educação Física para você?

é uma forma de poder aprender a jogar
e até mesmo movimentar nesse corpo
humano

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

serve para ensinar a jogar, e lá que
os alunos saia do seu ritmo.

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

sei lá, jogar handebol, e que eu não
gosto jogar futebol.

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

sei lá, dança pode ser.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Feminino

Idade: 15

1 – Para você, para que serve a escola?

deve para nos ensinar cultos, para aprender-me sobre passado, presente e futuro que nos aguarda. Para nos capacitar, fisicamente e mentalmente.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

gosto → Inglês

menos gosto → ciências

3 – o que é Educação Física para você?

Para mim, educação física é desenvolvimento, lazer, preparação física e diversão.

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

Para nos mostrar como são os esportes e talvez futuramente vivermos dele.

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Eu gosto das aulas práticas, não gosto muito das teóricas, porém, as faço.

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Dança, peteca.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: FEMININO

Idade: 33

1 – Para você, para que serve a escola?

SERVE PARA ESTUDAR, APRENDER E PARA MAIORAR
TERMINAR ESCOLHAS A FAZER EM UMA FACULDADE
E TRABALHO

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

HISTÓRIA (GOSTO)

MATEMÁTICA (NÃO GOSTO)

3 – O que é Educação Física para você?

PARA TERMOS A SAÚDE SEMPRE BEM
E PARA NOS EXERCITARMOS

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

PARA SE EXERCITAR NOS DIAS DE SEMANA
LEVANDO TODOS OS ALUNOS A FAZER
EXERCÍCIOS

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

FUTEBOL E HANDEBOL (GOSTO)

VOLÊI E BASQUETE (NÃO GOSTO)

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

HANDEBOL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Feminino

Idade: 15

1 - Para você, para que serve a escola?

Para ser alguém no futuro.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Eu gosto matemática e Ed. Física ~~que~~ e menos gosto ciências, história e artes.

3 - O que é Educação Física para você?

momento de lazer / diversão

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para nos exercitarmos e para ~~estudar~~ relaxar das outras matérias.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

O que eu mais gosto é de volley e handebol e o que eu menos gosto é quando tem aula teórica ou quando atrapalham a aula de E.F.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

lance, a natação, pátio e basquet

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: feminino

Idade: 13

1 – Para você, para que serve a escola?

PARA OBTOR CONHECIMENTOS

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

GOSTO: MATEMÁTICA

MENOS GOSTO: ED. FÍSICA

3 – O que é Educação Física para você?

PARA NOS EXERCITARMOS E TER
MUITA SAÚDE

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

PARA TER UMA AULA DE DESCANSO

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

GOSTO: VOLEY E HANDBOL

MENOS GOSTO: FUTEBOL, BASQUETE, E TODOS OS OUTROS ESPORTES.

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

VOLEY

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Feminino

Idade: 14 anos

1 - Para você, para que serve a escola?

É um centro de educação, que educa cidadãos e os leva a uma área de interesse dos alunos, professores e também os pais.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

A que eu mais gosto é Educação Física e que menos gosto é Matemática.

3 - O que é Educação Física para você?

É hora em que todos os alunos têm chance de se divertir e praticar esportes que fazem muito bem para a saúde.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para que os alunos aprendam que o esporte, é praticado por qualquer pessoa.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Não gosto de Bêis-bol e gosto de Basquete.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Malabarismo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: *Feminino*

Idade: *14 anos*

1 – Para você, para que serve a escola?

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

3 – O que é Educação Física para você?

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

1. Para formar^{as} pessoas para um futuro melhor
2. mais gosto: ciências
menos gosto: Ed. Física.
3. É uma forma de fazer com que os alunos pratiquem esportes.
4. Para que os alunos possam se movimentar

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Sexo: Feminino

Idade: 14 anos

1 – Para você, para que serve a escola?

Para as pessoas terem um futuro, e seja, para que as pessoas aprendam e escolham o que gostam para ~~se~~ formar-se.
trabalhar.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Mais gosta: Matemática

Menos gosta: Língua.

3 – o que é Educação Física para você?

É uma forma de aprender sobre os esportes em geral, ou seja, é o estudo dos esportes.

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

Para ensinar e incentivar as pessoas a praticar esportes

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Mais gosto: Handebol

Menos gosto: Futebol

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Aulas de música

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Feminino

Idade: 14 anos.

1 - Para você, para que serve a escola?

Para a gente aprender várias coisas, e ser alguém na vida.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

matemática, História.

3 - O que é Educação Física para você?

É aquilo que a gente se expressa o corpo.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

na escola serve para a gente aprender várias esportes.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

gosto mais de fazer jogos e menos gosto na hora de ficar na sala estudando.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Dança, Handebol etc.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: *feminino*

Idade: *14 anos.*

1 - Para você, para que serve a escola?

Para um futuro bom.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

A que eu mais gosto é GEOGRAFIA

E a que - gosto é matemática.

3 - O que é Educação Física para você?

É uma aula que desperta o corpo.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para aprendermos a jogar.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

+ futebol e Volei

- Ping-Pong XADREZ.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Dança } *É gostaria que continuasse*
Ginástica } *futebol e Volei.*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Masculino

Idade: 14

1 – Para você, para que serve a escola?

Para Aprender coisas novas, ter futuro.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Gosto de E. Física, Matemática

3 – o que é Educação Física para você?

Saúde

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

Distração *

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Futebol e que menos gosto quando chega o mês do Handebol

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Peteca

Peteca



, mais futebol e GOLF

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Masculino

Idade: 14

1 - Para você, para que serve a escola?

Para não ficar tão burro.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Gosto de português não gosto de Matemática

3 - o que é Educação Física para você?

É uma matéria como qualquer outra.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para não ficar travado, só sentado na cadeira.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Gosto dos exercícios. não gosto de correr.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Atletismo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Masculino

Idade: 14

1 – Para você, para que serve a escola?

Para estudar e aprender mais.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Mais gosto: Educação Física

Menos gosto: Matemática

3 – o que é Educação Física para você?

Aula para se exercitar e aprender novos esportes.

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

Para não deixar os alunos tanto tempo na sala de aula.

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Mais gosto: jogar futebol

Menos gosto: handebol

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Mais futebol.

Jair

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: *masculino*

Idade: *14*

1 – Para você, para que serve a escola?

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

3 – o que é Educação Física para você?

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

1) Para mim a escola serve mais do que um lugar para formar nos talentos segun no esporte como nas demais matérias etc.

2) Para mim eu opto de todas porque optando ou não damos nos empenhar e se passamos de ano e porque nos dedicamos a matéria que nos optamos porque ninguém reprova por não optar da disciplina

3) A educação física pra mim é mais que saúde também é educação

4) Para educar, ensinar e dar exemplo que esporte não só na escola mais em todo lugar é importante

5) Eu opto de tudo porque tudo é esporte

6) Futebol

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: masculino

Idade: 14

1 - Para você, para que serve a escola?

Para aprender, mais e aprimorar seus conhecimentos.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Menos: matemática

Mais: Ed. física

3 - O que é Educação Física para você?

É um momento de relaxar durante um aula e outra, e um momento de ficar de lfm com seu corpo.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para você ter uma consciencia de que você ~~precisa~~ precisa se movimentar.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

menos: a parte tecnica dos conteúdos

Mais: a ~~parte~~ parte prática

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Atletica

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

~~Diego Antonio de Souza~~
Sexo: masculino

Idade: 14

1 - Para você, para que serve a escola?

Para adquirirmos novos conhecimentos multitemáticos.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

mais gosto: geografia
menos gosto: português

3 - o que é Educação Física para você?

Horário dedicado a um momento de lazer

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para estimular a atividade física aos estudantes

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

o gosto do trabalho em grupo que exercemos durante as aulas

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Teatro.

* neste ano, a falta de ensino, começamos o bimestre indo direto para o jogo, não tivemos aula de fundamentos, teórico, isso eu achei ruim.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: *Masculino*

Idade: *14*

1 - Para você, para que serve a escola?

Para que nós possamos ter um futuro.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Geografia.
Matemática.

3 - O que é Educação Física para você?

É o momento em que nós desenvolvemos as habilidades.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para distrair e descontrair.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Handebol.
Futebol.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Tênis de Mesa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Masculino

Idade: 15

1 - Para você, para que serve a escola?

A escola é a nossa oportunidade de aprender e ter um futuro melhor, ou seja, ser alguém na vida.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

A que eu mais gosto é Ed. Física e a que eu menos gosto é Química.

3 - O que é Educação Física para você?

É a aula que agente aprende a lidar com o nosso corpo, aprender um pouco de cada esporte, etc.

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para nos mostrar como é cada esporte.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Eu adoro as aulas práticas e odeio a aula teórica.

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Basquete

Pedro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: masculino

Idade: 16

1 – Para você, para que serve a escola?

local onde sua formação de caráter e suas escolhas para o futuro se definem.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

ciências, artes
+ -

3 – o que é Educação Física para você?

forma de educar o corpo e mente para realizar exercícios físicos.

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

momento para relaxar dos alunos.

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Quando é trabalhada a parte física (capacidade pulmonar onde faz o aluno chegar ao seu limite, não gosto do teor

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Trabalhar o físico dos alunos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: masculino

Idade: 14

1 – Para você, para que serve a escola?

Serve para ensinar.

2 – Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

mais gost: geografia

menos gost: artes

3 – O que é Educação Física para você?

É uma disciplina que não ensina só o jogo, mas também para melhorar o corpo e ensinar a qualidade de vida como o alimentação.

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

Para a descoberta dos outros materiais, melhorar o corpo e ter uma melhor qualidade de vida.

5 – O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

mais gost: Futebol

menos gost: Vôlei

6 – Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Dança.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Masculino

Idade: 15

1 - Para você, para que serve a escola?

Para aprender o básico, e estar preparado para o vestibular.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Eu mais gosto é da Educação física, menos gosto matemática

3 - O que é Educação Física para você?

É a hora de você sair a correr...

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para se divertir jogando com os colegas, e aprender as regras dos esportes.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Eu mais gosto é de jogar bola, e não gosto da parte teórica

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

futebol,

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Masculino

Idade: 15

1 - Para você, para que serve a escola?

Para um melhor ensino

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

mais gosta ED.F menos MAT

3 - O que é Educação Física para você?

Um esporte muito bom para todos

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para ensinar os alunos e um esporte

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Aulas praticas | Teoricas

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Futebol, Voley

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: masculino

Idade: 19 anos

1 - Para você, para que serve a escola?

Para aprender todas as disciplinas.

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Ed. Física e matemática

3 - O que é Educação Física para você?

É uma disciplina onde aprendemos todas regras dos esportes e que o esporte no mundo

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para aprender mais sobre esportes.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Futebol e basquete

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Futebol

José

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Masculino

Idade: 14 anos

1 - Para você, para que serve a escola?

Para ensinar

2 - Qual disciplina você mais gosta e menos gosta na escola?

Gosto de Educação Física e não gosto de ciências

3 - o que é Educação Física para você?

Uma disciplina que ensina esporte

4 - Para que serve a Educação Física na escola?

Para os alunos ficarem sempre por dentro dos esportes.

5 - O que você mais gosta e o que menos gosta na Educação Física?

Gosto de jogar futebol, e não gosto de ter aula teórica

6 - Que conteúdo você gostaria que fosse trabalhado nas aulas de Educação Física?

Futebol

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sexo: Fem.

Idade: -

1 – Para você, qual a função da escola?

Formar cidadãos críticos, conscientes e "transformadores".

2 – Para você o que é Educação Física?

Enquanto escola, é uma disciplina que objetiva desenvolver toda uma reflexão sobre as práticas corporais relacionando-as e considerando seus aspectos técnicos, táticos, históricos, sociais, políticos e culturais.

3 – Para você, quais os conteúdos mais importantes no ensino da Educação Física?

Não existe conteúdo mais importante. Todos têm sua importância e contribuição na formação do aluno.

4 – Para que serve a Educação Física na escola?

Dentro de todo um contexto "formador", a Ed. Física é uma das partes que contribui na formação de conceitos ligados a práticas de atividades físicas, área da saúde, individualidade e afetividade.

5 – A escolha dos conteúdos da Educação Física é feita de que forma?

Seguimos as diretrizes curriculares, adaptadas a realidade da escola.